

DIAGNÓSTICO RURAL PARTICIPATIVO

GUIA PRÁTICO

DRP



Miguel Expósito Verdejo

Revisão e Adaptação: Décio Cotrim e Ladjane Ramos

Secretaria da
Agricultura Familiar

Ministério do
Desenvolvimento Agrário



DRP

UM GUIA PRÁTICO

Diagnóstico Rural Participativo

Um guia prático

Miguel Expósito Verdejo

Secretaria da Agricultura Familiar - MDA
Setor Bancário Norte Qd.01 Bl.D 6.º Andar
Ed. Palácio do Desenvolvimento - Brasília DF
Telefones: (61) 2191-9909/9910

Site: www.mda.gov.br/saf

"Documento original elaborado pelo **Centro Cultural Poveda**"

Rua Pina, 210 - Cidade Nova,
Santo Domingo, República Dominicana.
Telefones: 689-5689 / 686-0210 / Fax: 688-4635

Site: ww.centropoveda.org

Correio eletrônico: centropoveda@codetel.net.do

Diagramação: Alice Alinne Matos

Impresso no Brasil

Gráfica da Ascar - Emater-RS

Este documento pode ser reproduzido total ou parcialmente sempre que seja feito de modo literal e sejam mencionados os autores.

Revisão e Adaptação:

Décio Cotrim, engenheiro agrônomo - Ascar - Emater - RS

Ladjane Ramos, perita da Agência de Cooperação Técnica Alemã (GTZ)

Ilustrações: Sérgio Batsow

Brasília, março de 2006

Secretaria da
Agricultura Familiar

Ministério do
Desenvolvimento Agrário



gtz



B R A S I L



ABC Agência Brasileira
de Cooperação
MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES



Bundesministerium für
wirtschaftliche Zusammenarbeit
und Entwicklung

Sumário

APRESENTAÇÃO	4
COMO UTILIZAR ESTE GUIA	5
1 . O QUE É UM DRP?	6
1.1. Um pouco da história	7
1.2. Propósito e execução do DRP	7
1.3. As vantagens do DRP	8
2 . OS DIFERENTES NÍVEIS DE PARTICIPAÇÃO	10
3 . OS PRINCÍPIOS E CONCEITOS-CHAVE DO DRP	12
3.1. Características do DRP	12
3.2. Princípios básicos do DRP	12
4 . OS 7 PASSOS NA PREPARAÇÃO	15
4.1. Preparando-se para o DRP	15
4.2. Equipe de moderação	18
4.3. Programação e convocatória	18
4.4. Localização	18
4.5. Materiais	18
4.6. Cronograma do DRP	19
5 . NO TRABALHO DE CAMPO	20
5.1. A apresentação à comunidade	20
6 . A CAIXA DE FERRAMENTAS	21
6.1 Observação participante	22
6.2 Entrevistas Semi-estruturadas	22
6.3 Mapas e Maquetes	24
6.4 Travessia	30
6.5 Calendários e uso do tempo	31
6.6 Diagramas	35
6.7 Matrizes	39
6.8 Análises de Gênero	45
6.9 Outras ferramentas	52
7. ANÁLISE, DOCUMENTAÇÃO E APRESENTAÇÃO	54
7.1. Análise final	54
7.2. Qualitativo versus quantitativo	54
7.3. Documentação	54
7.4. Apresentação	55
8. FINALIZAR O DRP É COMEÇAR	56
9. ALGUNS CONSELHOS FINAIS	57
10. LITERATURA RECOMENDADA E BIBLIOGRAFIA	58
Anexo - lista de figuras	60
Anexo - lista de figuras	61

Animação

Apresentação

A nova Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural - Pnater preconiza que a Missão da Ater brasileira de ser: "Participar na promoção e animação de processos capazes de contribuir para a construção e execução de estratégias de desenvolvimento rural sustentável, centrado na expansão e fortalecimento da agricultura familiar e das suas organizações, por meio de metodologias educativas e participativas, integradas às dinâmicas locais, buscando viabilizar as condições para o exercício da cidadania e a melhoria de qualidade de vida da sociedade".

Na mesma linha, tanto os objetivos como as diretrizes da Pnater enfatizam a necessidade de que a práxis extensionista seja baseada em metodologias que assegurem a participação dos beneficiários em todas as fases do processo de desenvolvimento: diagnóstico, monitoramento, avaliação e reprogramação de ações.

Estes pressupostos da Pnater, têm determinado as ações do DATER. Esta publicação é mais uma dessas iniciativas e pretende se constituir numa ferramenta didática, acessível e de fácil entendimento, para ser usada como referência tanto aos processos de capacitação, como na auto-capacitação dos Agentes de Ater em seus diferentes níveis de atuação.

O Guia é uma tradução adaptada e aperfeiçoada pelos colegas Ladjane Ramos e Décio Cotrim a partir de documento original publicado pelo Centro Cultural Poveda, de autoria do Sr. Miguel Expósito Verdejo, que autorizou ao DATER a sua publicação nas condições ora apresentada.

Esperamos que este material possa ser útil para as entidades e para os Agentes de Ater, de modo que possamos fazer da Extensão Rural uma prática cada vez mais participativa e democrática, como requerem os agricultores familiares e como recomenda a Pnater.

Por fim, registramos nossos agradecimentos à Emater/RS e à Emater/MG pela inestimável contribuições que deram para que fosse possível publicarmos este texto. Do mesmo modo agradecemos à GTZ-Brasil pelo apoio e colaboração oferecida à realização deste trabalho.

Brasília, março de 2006

Francisco Roberto Caporal

Coordenador Geral de Assistência Técnica e Extensão Rural do Dater/SAF/MDA

Como Utilizar esse Guia

"Diagnóstico Rural Participativo" (DRP) é entendido como um guia prático para a preparação e execução de um DRP.

Nos primeiros capítulos são apresentados o objetivo, a nossa visão de "participação" e os princípios e conceitos-chave do DRP. A seguir são desenvolvidos os passos na preparação de um DRP até chegar ao "prato principal" deste guia prático: as ferramentas de execução. Finalmente são dados alguns conselhos em relação à análise, à documentação e à apresentação dos resultados.

Esperamos que este manual anime as pessoas no assunto e na aplicação desta metodologia. Temos a confiança de que sirva como um guia prático e rápido para as pessoas mais experientes refrescarem a memória.

O que é um DRP?

1. O que é um DRP?

O Diagnóstico Rural Participativo (DRP) é um conjunto de técnicas e ferramentas que permite que as comunidades façam o seu próprio diagnóstico e a partir daí comecem a autogerenciar o seu planejamento e desenvolvimento. Desta maneira, os participantes poderão compartilhar experiências e analisar os seus conhecimentos, a fim de melhorar as suas habilidades de planejamento e ação. Embora originariamente tenham sido concebidas para zonas rurais, muitas das técnicas do DRP podem ser utilizadas igualmente em comunidades urbanas.

O DRP pretende desenvolver processos de pesquisa a partir das condições e possibilidades dos participantes, baseando-se nos seus próprios conceitos e critérios de explicação. Em vez de confrontar as pessoas com uma lista de perguntas previamente formuladas, a idéia é que os próprios participantes analisem a sua situação e valorizem diferentes opções para melhorá-la. A intervenção das pessoas que compõem a equipe que intermedia o DRP deve ser mínima; de forma ideal se reduz a colocar à disposição as ferramentas para a auto-análise dos/as participantes. Não se pretende unicamente colher dados dos participantes, mas, sim, que estes iniciem um processo de auto-reflexão sobre os seus próprios problemas e as possibilidades para solucioná-los.

O objetivo principal do DRP é apoiar a autodeterminação da comunidade pela participação e, assim, fomentar um desenvolvimento sustentável.



Figura 1 - Grupo de Agricultores durante Oficina de DRP

1.1 Um pouco de história

Os enfoques de desenvolvimento rural nas décadas de 60 e 70 se baseavam na transferência de tecnologias e na ausência de participação das/os supostas/os beneficiárias/os, tanto na elaboração como na execução dos projetos.

No final da década de 70, o fracasso da "transferência tecnológica" causou uma mudança radical de estratégias: o conhecimento das condições locais, dos grupos beneficiários e de suas tradições se transformou no enfoque principal da identificação e planejamento de projetos de desenvolvimento rural. Utilizando métodos tradicionais de pesquisa, como questionários e análises de dados regionais, foram geradas enormes quantidades de dados que acabaram não tendo como ser geridos e se transformaram em "cemitérios de dados".

Nos anos 80, a estratégia mudou de novo: o levantamento de informação foi reduzido ao necessário, levando em consideração as opiniões e o ponto de vista dos grupos beneficiários. Os instrumentos clássicos de pesquisa deram lugar a novos conceitos, mais participativos, muitos deles baseados nas teorias e metodologias da educação popular.

Esta foi a hora do nascimento do "Diagnóstico Rural Rápido" (DRR). O DRR propõe, principalmente, um levantamento de dados participativo e menos trabalhoso que um levantamento tradicional. Além disso, procura uma maior participação do chamado beneficiário, para se aproximar mais das suas necessidades e realidade. Em geral o DRR é utilizado para se obterem os dados necessários para um projeto novo ou para analisar o desenvolvimento de um projeto. Sendo possível adaptá-lo a partir desta análise.

Mas, mesmo com estas mudanças, as medidas tomadas pelos projetos acabaram sendo pouco sustentáveis. Como consequência, o processo de identificação participativa se estendeu à execução participativa de projetos.

Então se deu voz e voto aos grupos em todos os passos de um projeto, criando, assim, o Diagnóstico Rural Participativo (DRP).

O Diagnóstico Rápido Rural não foi o único fundamento para o desenvolvimento do DRP, além disso, "a educação popular", inspirada no livro "A pedagogia do oprimido", de Paulo Freire (1968), foi outro movimento iniciado nos anos 60, que teve grande importância para os conceitos.

Os conceitos de desenvolvimento das décadas de 60 a 80, descritos anteriormente, refletem a discussão "teórico-intelectual" da época; no entanto isto quer dizer que, independentemente das tendências respectivas, existiam projetos participativos nos anos 60, como hoje existem projetos com escassa participação dos supostos beneficiários.

1.2 Propósito e execução do DRP

Além do objetivo de impulsionar a auto-análise e a autodeterminação de grupos comunitários, o propósito do DRP é a obtenção direta de informação primária ou de "campo" na comunidade.

Esta é conseguida por meio de grupos representativos de seus membros, até chegar a um autodiagnóstico sobre o estado dos seus recursos naturais, sua situação econômica e social e outros aspectos importantes para a comunidade.

Tenta-se avaliar os problemas e as oportunidades de solução, identificando os possíveis projetos de melhoria dos problemas mais destacados e portanto das condições de vida de homens e mulheres.

O DRP permite colher dados de maneira ágil e oportuna. Apesar de sua rapidez, a coleta de dados não é incompleta nem superficial.

Diferentemente dos métodos convencionais de pesquisa, o DRP usa fontes diversas para assegurar uma coleta compreensível de informação. Estas podem ser a revisão de dados secundários; as fotografias aéreas e imagens de satélite; a observação direta de eventos, processos, as relações entre as pessoas, que a equipe vai anotando; as entrevistas semi-estruturadas; os diagramas; os mapas e travessia e os calendários de atividades.

Seu objetivo, mais que a perfeição científica, é a complementaridade de informação recebida pelas diferentes fontes, mantendo, assim, um cruzamento de dados que incrementa a precisão crítica de análise. Não requer grandes acumulações de dados sistemáticos, já que se levaria muito tempo para produzi-los e interpretá-los objetivamente.

No entanto os dados que produzem um DRP são os necessários e suficientes para desencadear os processos de auto-ajuda que se perseguem.

A forma em que são coletados os dados procura, em primeiro lugar, permitir que as pessoas da comunidade pensem sistematicamente em seus problemas, nas possíveis soluções, e os compartilhem com os Agentes de Ater, mediadores do DRP; em segundo lugar, que os Agentes de Ater compreendam as condições e circunstâncias locais; finalmente, procurem analisar os problemas e as possíveis opções para enfrentá-los em conjunto.

O DRP é similar ao diagnóstico que faz um médico: ao nos sentirmos doentes, visitamos o médico, e ele se encarrega de nos perguntar: o que estamos sentindo? O que está doendo? E depois procede a um exame geral do nosso corpo (os olhos, a boca, o coração, os ouvidos, a pressão, etc.). Esse processo de exame denomina-se diagnóstico, e, ao final, o médico sabe que medicamento vai receitar-nos para curar a doença.

No caso do DRP os médicos são os integrantes da comunidade e os Agentes de Ater.

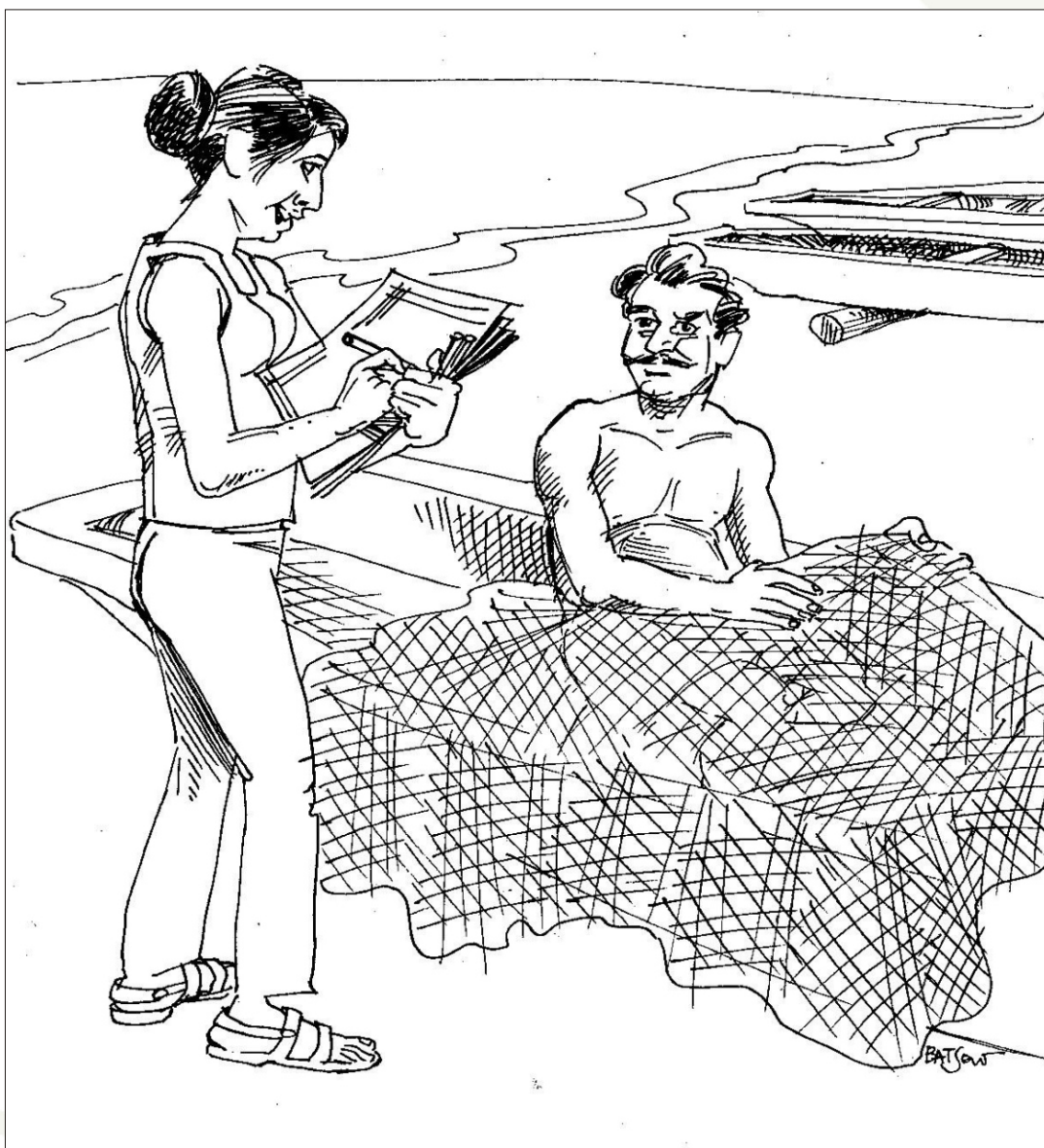
Os homens e as mulheres da comunidade devem agir como o médico: precisam analisar todos os elementos que formam o ambiente da comunidade para encontrar uma forma de solucionar os problemas, designando responsáveis locais e procurando apoio institucional.

1.3 As vantagens do Diagnóstico Rural Participativo são:

- Põe em contato direto os que planejam, os Agentes de Ater com as pessoas da comunidade e vice-versa; todos participam durante todo o processo do diagnóstico.
- Facilita o intercâmbio de informação e a verificação desta por todos os grupos da comunidade.
- O DRP, como metodologia, aponta a multidisciplinaridade. Ideal para estabelecer nexos

entre setores, tais como: floresta, agricultura, saúde, educação e outros.

- As ferramentas do DRP prestam muito bem para identificar aspectos específicos de gênero.
- Facilita a participação tanto de homens como de mulheres e dos diferentes grupos da comunidade.



Os Diferentes Níveis de Participação

2. Os Diferentes Níveis de Participação

Nas últimas duas décadas ficou na moda a "participação", e todos os projetos têm um enfoque participativo, e todas as atividades são um resultado de um "processo participativo". Mas o que significa participação?

O gráfico a seguir visualiza os diferentes níveis de participação e mostra que, efetivamente, todos os projetos são participativos, porém a diferença se baseia em cada nível.

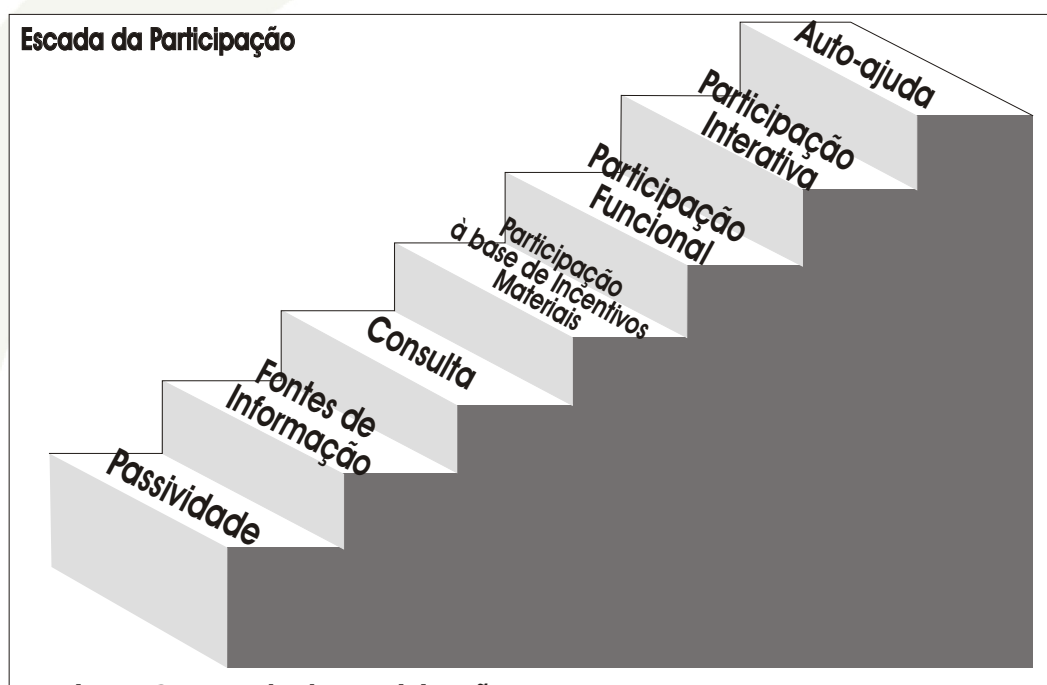


Figura 2 - Escada da Participação

Passividade: o projeto fixa os objetivos e decide sobre as atividades. A informação necessária é gerada sem se consultar os beneficiários.

Fonte de informação: a equipe de pesquisa pergunta ao beneficiário, porém não o deixa decidir nem sobre o tipo de perguntas nem sobre as atividades posteriores.

Consulta: leva-se em consideração a opinião do beneficiário; integram-se as opiniões no enfoque da pesquisa, mas o grupo-meta não tem poder de decisão.

Participação à base de incentivos materiais: propõe-se, por exemplo, a participação em troca de insumos de produção ou de colocar à disposição terras com fins de exibição ("unidade demonstrativa"), mas a possibilidade de intervir nas decisões é muito limitada.

Participação funcional: o beneficiário se divide em grupos que perseguem objetivos fixados anteriormente pelo projeto. Na fase de execução participa da tomada de decisões e se torna independente no transcurso do projeto.

Participação Interativa: o beneficiário é incluído do ponto de vista da fase de análise e definição do projeto. Participa plenamente do planejamento e execução.

Auto-ajuda: a comunidade toma a iniciativa e age independentemente.

O que nos interessa é o grau de participação que queremos (ou devemos?) alcançar para estabelecer um desenvolvimento sustentável.

Muitos projetos estabelecem um grau de "participação com base em incentivos materiais" ou, em casos excepcionais, alcançam uma participação funcional. O DRP tem como objetivo a participação interativa, ou seja, a participação dos beneficiários em todas as fases de um projeto.

Para atingi-lo, precisa-se tanto da vontade política como da institucional, principalmente na execução de um projeto. Um DRP inicial não garante que a participação seja a adequada a todas as fases de um projeto, porém é necessário para um bom começo.

Diferentes Níveis de Participação

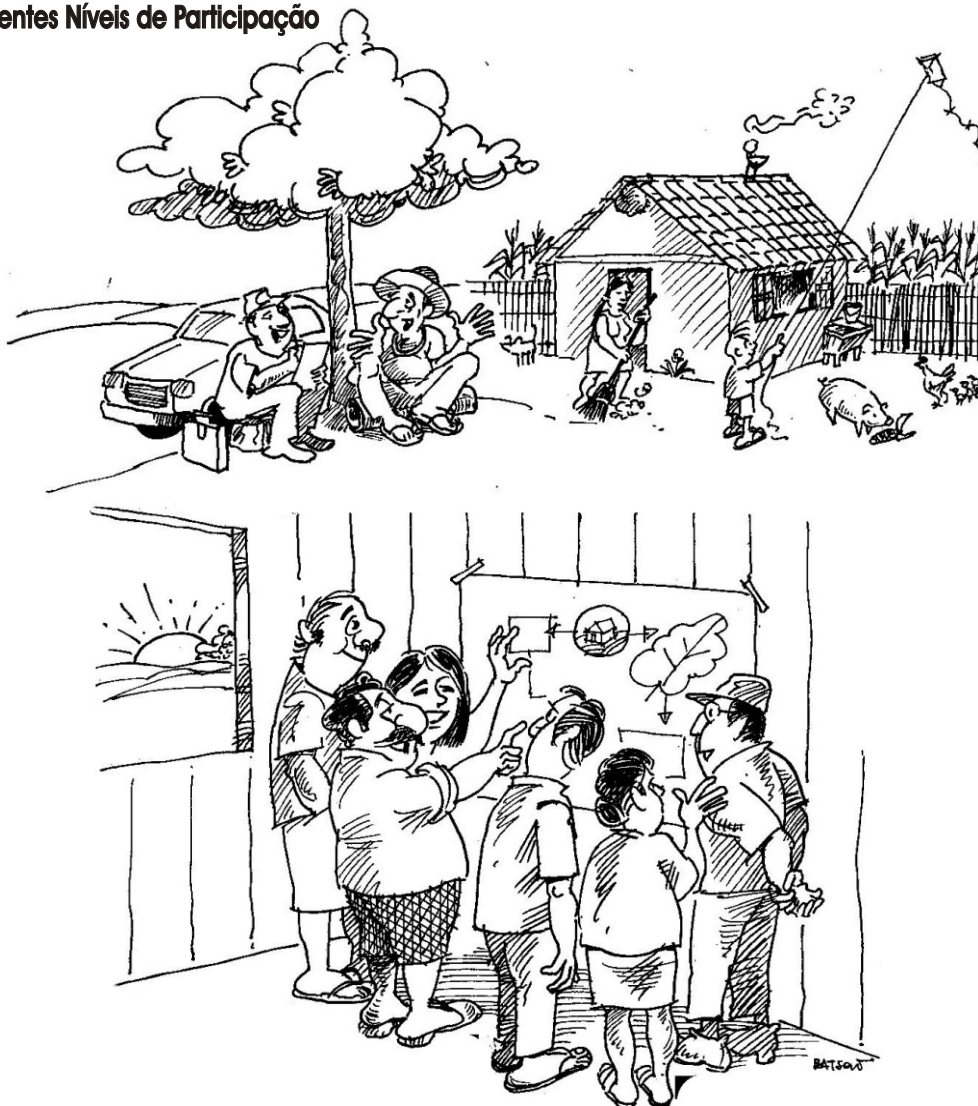


Figura 3 - Diferentes Níveis de Participação

Os Princípios e Conceitos-chave do DRP

3. Os Princípios e Conceitos-chave do DRP

3.1 Características do Diagnóstico Rural Participativo

A prática e a teoria do DRP variam muito segundo o contexto no qual são usadas. No entanto têm algumas características comuns:

- É um processo de pesquisa e coleta de dados, que pretende incluir as perspectivas de todos os grupos de interesse integrados pelos homens e pelas mulheres rurais.
- Impulsiona uma mudança nos papéis tradicionais do pesquisador e dos pesquisados, já que ambos participam da determinação de quais e como coletar os dados; é um processo de dupla via.
- Reconhece o valor dos conhecimentos dos/as comunitários/as.
- Funciona como meio de comunicação entre aqueles que estão unidos por problemas comuns. Esta comunicação coletiva chega a ser uma ferramenta útil para identificar soluções.

3.2. Princípios Básicos do Diagnóstico Rural Participativo

Respeita a sabedoria e a cultura do grupo

O respeito ao conhecimento cultural na gestão dos recursos naturais e humanos é o meio básico para se chegar à sustentabilidade do uso dos recursos e da organização social. A identidade cultural (valores, normas, visões, conhecimentos e costumes) produz vias endógenas de desenvolvimento.

Consequências práticas: os membros da equipe de moderação não devem agir como instrutores/as, mas, sim, como observadores interessados em aprender com os agricultores e obter conhecimentos técnicos e sociais. A função da equipe é escutar e não ensinar!

Analisa e entende as diferentes percepções

Cada sujeito e cada cultura vê a realidade de forma subjetiva. Os membros das comunidades, os Agentes de Ater e os pesquisadores muitas vezes vêem e interpretam o mundo em que vivem de diferentes maneiras. Por meio de um processo de comunicação e de uma aprendizagem mútua, podem ser vistas as diferentes percepções, a tal ponto que os atores podem entender-se e agir conjuntamente.

Consequências práticas: antes de prejudicar as atividades dos agricultores, os Agentes de Ater e pesquisadores deverão "tentar colocar-se no lugar deles" para poder entender a percepção de cada um. Além disso, a equipe deve esclarecer a percepção da comunidade e ser consciente de seu próprio ponto de vista.

Para isto é necessário um processo de aprendizagem mútua entre a comunidade e os Agentes de Ater.

As diferentes percepções levam, necessariamente, a contradições na aplicação e interpretação de alguns instrumentos do DRP. Não se pode nem se deve evitar isto. Aprender com as diferentes percepções e interpretações é uma característica-chave do DRP.

Escutar todos da comunidade

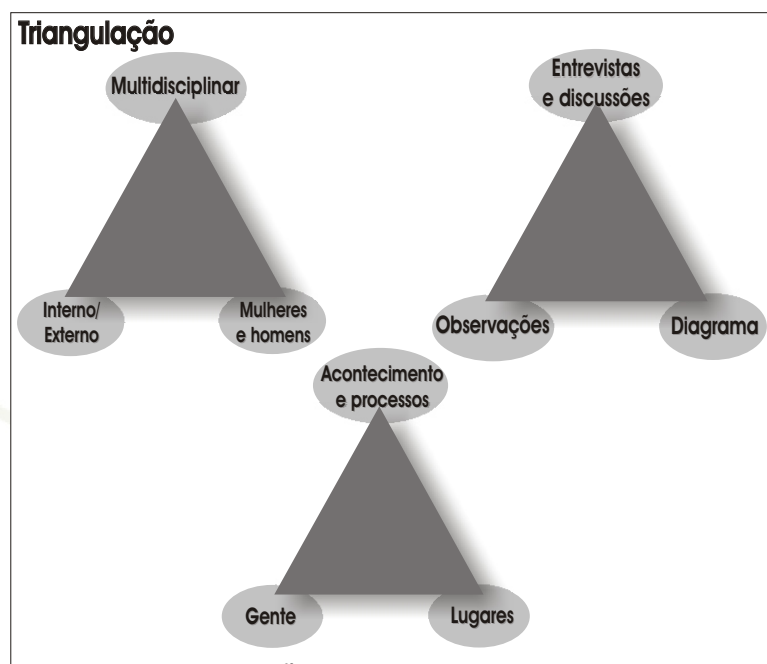
Os atores sociais no campo não são homogêneos.

Para o desenvolvimento da comunidade inteira, é preciso escutar e levar em consideração também às posições dos desfavorecidos da comunidade, ou seja, os grupos com menos poder econômico e social, que muitas vezes não têm a mesma possibilidade ou facilidade de se expressarem.

Consequências práticas: envolver-se e dirigir-se ativamente àquelas partes do grupo ou da comunidade que normalmente não são escutadas, seja pela falta de eloquência, porque são iletrados, seja por uma posição social marginal. Isto pode ser realizado trabalhando-se com grupos homogêneos, ou seja, com pessoas pertencentes a um mesmo setor social, e com o uso de meios de visualização, motivando especialmente os que não falam muito. Ao estar em seu "grupo social", as pessoas podem se expressar mais livremente, sem se sentirem intimidadas.

Visualização

Quando se faz uma pesquisa utilizando questionários, quem pesquisa aponta o que o entrevistado disse no seu questionário e se apropria das palavras. Desta forma, a informação dada não está mais sob controle do entrevistado. De acordo com a perspectiva central do DRP, "de baixo para cima", tenta-se utilizar de meios que não se baseiam principalmente em explicações verbais e escritas, e, sim, na visualização de um assunto, utilizando com preferência materiais locais. Geralmente são elaborados em conjunto mapas, diagramas ou modelos que refletem os assuntos e as discussões. Desta maneira, todos/as têm a oportunidade de se envolver ativamente no processo: dar os seus próprios critérios, mudar o desenho e colocar ênfase em certos campos problemáticos. Já se sabe: uma imagem vale mil palavras!



Triangulação

É uma forma de confrontar ou complementar a informação obtida. Para a coleta de dados, devem ser utilizados diferentes métodos de pesquisa e diferentes fontes de informação, como por exemplo, membros de diferentes comunidades, grupos sociais, homens e mulheres, etc. A equipe de facilitadores (Agentes de Ater) deve ser composta de membros de diferentes disciplinas, homens e mulheres; pessoas que conheçam bem as comunidades e também por gente de fora. Este procedimento assegura que cada fenômeno seja tratado a partir de diferentes pontos de vista e que exista uma imagem mais ampla da realidade.

Figura 4 - Triangulação

Ignorância ótima

Ignorância ótima significa que a equipe de Agente de Ater evita incluir uma quantidade excessiva de detalhes na coleta dos dados. Para cada campo de pesquisa, devem-se definir anteriormente o tipo de informação se precisa, o objetivo a pesquisar este campo e o grau de exatidão é adequado. Com este estilo de trabalho se evita uma acumulação exagerada de dados, e podemos prestar atenção às questões mais importantes, já que o tempo disponível no campo é, normalmente, limitado.

É como quando queremos preparar um bom cozido: não é necessário ler todas as receitas, mas, sim, somente as que se referem ao cozido. Também não precisamos utilizar todas as especiarias da cozinha, e, sim, as carnes e os temperos adequados.

Análise e apresentação na comunidade

O trabalho do DRP é realizado no campo, ou seja, tanto as técnicas como as reuniões de equipe do DRP são feitas no lugar em que é realizado o diagnóstico. De forma idônea, pelo menos parte do relatório é redigido igualmente no campo, já que o DRP implica num estilo de trabalho paulatino, ou seja, o processo de aprender passo a passo. Por isto a equipe constantemente revisa e analisa a informação obtida, para determinar em qual direção deve-se proceder nos dias seguintes. Desta maneira se aprofunda o entendimento dos problemas; a equipe inteira acumula conhecimentos; e se consegue precisar o enfoque da pesquisa.

Os 7 Passos na Preparação de um DRP

4. Os 7 Passos na Preparação de um DRP

4.1. Preparando-se para o DRP

Para fazer a pesquisa de campo, o mais participativa possível, devem ser seguidos 7 passos importantes:

1. Fixar o objetivo do diagnóstico.
2. Selecionar e preparar a equipe mediadora.
3. Identificar participantes potenciais.
4. Identificar as expectativas dos/as participantes no DRP.
5. Discutir as necessidades de informação.
6. Selecionar as ferramentas de diagnóstico.
7. Desenhar o processo do diagnóstico.

Passos adicionais podem ser usados, conforme seja necessário.

Uma vez discutidos todos os passos do DRP, esses se resumem num "Plano ou Cronograma do DRP".

Passo 1: Fixar o objetivo do diagnóstico

Um DRP é um diagnóstico realizado com uma finalidade, não uma simples coleta de dados. Por isso é importante fixar anteriormente para que serve:

- Trata-se de um diagnóstico para identificar um projeto novo ou de uma análise de um projeto existente?
- É um diagnóstico geral ou enfoca alguns aspectos particulares, como uma zona, ramo de produção, questões de saúde, ou outra coisa?

O objetivo fixado pela equipe do DRP deve ser discutido com os beneficiários.

Passo 2: Selecionar e preparar a equipe mediadora

Uma equipe "equilibrada" é crucial para executar um DRP. Equilibrada significa que os seus membros sejam de diferentes disciplinas e de ambos os sexos (agrônomos, sociólogos, economistas, florestais, etc.).

Esta diversidade da equipe garante um enfoque e uma análise a partir de diferentes ângulos, evitando o predomínio de enfoques técnicos, econômicos ou antropológicos. Uma equipe formada de homens e mulheres facilita a comunicação com todos os grupos beneficiários.

Passo 3: Identificar participantes potenciais

A equipe mediadora deveria fazer-se algumas perguntas básicas:

- Que grupos de interesse se encontram representados na área de estudo?
- Quem escolhe, normalmente, o representante de cada grupo?
- Que grupos não estão representados?
- Participam tanto mulheres quanto homens?
- Existem barreiras culturais ou lingüísticas que limitam uma participação igualitária dos grupos de interesse?

- Quem são os/as informantes ou líderes-chave da comunidade?

🔍 **Que características compartilham os membros da comunidade? Em que se diferenciam?**

Os participantes potenciais para o DRP incluem homens e mulheres da comunidade (jovens e idosos, ricos e pobres, aqueles com trabalho na localidade, pessoas com e sem escolaridade, incapacitada, sem terra...), representantes do governo, pessoal de projetos, proprietários de negócios, etc. Resumindo, todos aqueles que têm um interesse no desenvolvimento da comunidade.

Os membros de equipe do DRP também são participantes, mas com a responsabilidade especial de facilitar o processo, organizar, analisar e apresentar a informação.

Passo 4: Identificar as expectativas das/os participantes no DRP

Cada pessoa que participa do processo do DRP espera beneficiar-se dele de uma maneira diferente. Os membros da comunidade podem ter como meta que a pesquisa acarrete uma melhora específica da sua qualidade de vida (tais como, estradas, áreas de conservação de bosque, escolas, etc.), e o pessoal do projeto pode esperar que o processo do DRP aumente a motivação e o interesse entre os membros da comunidade, para participar do desenho e da implementação das atividades. Realizar um DRP sempre cria expectativas na população, por mais que os Agentes de Ater expliquem que não existe segurança de conseguir mudanças.

É importante que o DRP revele, em geral, a situação da comunidade e não distorça a informação pela interpretação dos Agentes de Ater, de tal forma que o DRP fique em poder da comunidade como um instrumento para provocar mudanças e gerenciar apoio institucional.

Algumas semanas antes que o DRP seja iniciado, os Agentes de Ater terão que identificar os grupos de interesse e criar uma oportunidade de diálogo entre eles, convidando-os a reuniões e acordando os objetivos do DRP. Nestas reuniões é importante notar quem fala e quem não fala. Por exemplo, em muitas culturas as mulheres não são convidadas para reuniões ou assembléias da comunidade. Os Agentes de Ater, neste caso, devem fazer um esforço e uma promoção especial para conseguir a participação delas no evento. Isto pode ser conseguido por meio de visitas aos lares e falando com líderes locais.

Uma ampla participação no DRP será facilitada por aspectos simples, como um almoço ou lanche, um horário adequado, o estabelecimento do lugar para a reunião e por meio das oficinas de DRP de forma separada com homens e mulheres, se for necessário.

Embora possam acontecer mudanças devido ao DRP, estas não podem ser determinadas com antecipação. Pelo processo de diagnóstico são identificados obstáculos para satisfazer as necessidades, são exploradas as soluções, e podem ser resolvidos alguns conflitos, enquanto se desenvolve o diálogo.

Passo 5: Discutir as necessidades de informação

Trata-se de identificar aqui dados ou informação específica de que se precisa para a elaboração de um novo projeto rural ou para a reorientação de certas atividades num projeto existente. A informação requerida é selecionada mediante o diálogo entre a equipe mediadora e os membros da comunidade e, em geral, refere-se a:

- Identificação da realidade rural, os problemas e necessidades sentidas pelos integrantes da comunidade.
- Fatores limitantes e potenciais na produção (técnicos, econômicos, ambientais, etc.).
- Estrutura social e sua influência no bem-estar da comunidade.
- A divisão do trabalho entre mulheres e homens em relação a atividades reprodutivas, produtivas e de gestão comunitária.
- O acesso e o controle sobre os recursos naturais e os benefícios que possam ser derivados do uso adequado destes.
- Tendências e mudanças locais ou regionais que representam contribuições ou limitações ao desenvolvimento da área.

Passo 6: Selecionar as ferramentas de pesquisa

As mulheres e os homens da área de estudo têm a oportunidade de influir no processo do DRP, participando da tomada de decisões de assuntos prioritários, como, por exemplo, ferramentas de diagnóstico, programação, localização e assim sucessivamente no decorrer de todo o processo.

Na seleção das ferramentas, devem ser consideradas as seguintes perguntas:

- Que ferramentas correspondem às necessidades de informação?
- Que ferramentas preferem os participantes?
- Que ferramentas produzem informação desagregada por gênero?
- Que informação já existe em relatórios, mapas ou estudos?

Usado adequadamente o DRP, criam-se oportunidades para aumentar a participação. Ao contrário dos pesquisadores "tradicionais", os membros da equipe DRP não guardam, não controlam as ferramentas e nem os resultados.

O DRP, em sua forma mais simples, compreensiva e participativa, facilita a todos os participantes compartilharem o controle mediante o uso das ferramentas. Por exemplo, quando as mulheres e os homens desenham mapas da comunidade, é fácil ver as diferenças e semelhanças por gênero, em suas percepções de recursos, limitações e organização. A desagregação da informação por gênero se refere não-somente a dados sobre atividades de mulheres e homens, mas também à sua visão e perspectivas.

Como complemento ao trabalho de campo, existem fontes de informação que podem fornecer outras perspectivas (técnicas ou históricas). Além disso, ajuda à triangulação da informação como um procedimento da verificação dos dados.

Para os projetos de desenvolvimento, outras fontes de informação podem ser: estudos básicos, estudos de viabilidade, relatórios anuais, semestrais ou mensais, ou relatórios de consultores. Em nível regional, pode-se usar informação disponível na prefeitura ou nos órgãos governamentais.

Passo 7: Desenhar o Processo do Diagnóstico

As seguintes perguntas deverão ser resolvidas antes de se iniciar o DRP:

- Quem estará na equipe do DRP?
- Quando vai ser realizado o diagnóstico e quanto vai demorar?

- Onde será efetuada a pesquisa?
- Que materiais usarão os participantes da pesquisa para documentar os resultados?

Estes quatro fatores influirão no grau de participação da comunidade.

4.2. Equipe de moderação do DRP

A equipe de moderação deverá, na medida do possível, estimular a participação de homens e mulheres. Com frequência as mulheres preferem Agentes de Ater ou pesquisadores de seu mesmo sexo, isto aumenta a participação, e, ao final, tem-se uma informação mais completa e próxima da realidade das agricultoras/es. A multidisciplinaridade da equipe também é importante.

4.3. Programação e convocatória

O DRP requer uma boa programação e preparação para assegurar uma maior participação dos membros da comunidade.

Neste sentido, é importante levar em consideração as temporadas de muito trabalho ou a demanda de mão-de-obra e os ciclos agrícolas.

Com o objetivo de garantir uma boa participação, é essencial acordar o dia e horário das oficinas, levando em consideração as responsabilidades de trabalho e as atividades domésticas dos participantes.

4.4. Localização

O critério mais importante de seleção do lugar para a reunião onde será realizado o DRP é a sua acessibilidade física e social para a comunidade. Importante ficar atento à escolha do local e às relações de poder entre os membros da comunidade, buscando que a reunião ocorra em um lugar neutro ou público.

4.5. Materiais

A seleção de materiais e documentos também é um aspecto importante na preparação do DRP. Desta maneira, assegurar-se-á que os resultados estejam bem documentados e acessíveis, tanto para a equipe do DRP como para os grupos de interesse da comunidade. Se os mapas forem traçados no campo, será feito um traçado final sobre o papel ou serão usadas fotografias? Se os facilitadores tirarem os seus cadernos durante uma caminhada ou travessia, devem compartilhar e verificar essa informação com outros?

Todas são perguntas que devem ser consideradas pela equipe com suficiente antecipação.

4.6. O Cronograma do DRP

Uma vez elaborados os passos 1-7, devem estar visualizados no "Plano" ou "Cronograma do Diagnóstico". Não existe um formato predeterminado para este plano, já que se adaptará às necessidades de cada DRP.

Em geral, incluirá as datas de cada passo do DRP, a técnica ou o tipo de intervenção, os participantes da comunidade, os responsáveis da equipe de DRP para a sua execução e o objetivo de cada ferramenta ou reunião.

O cronograma é o marco inicial e deverá ser modificado ao longo do diagnóstico, já que surgirão mudanças no planejamento inicial ao longo do processo.

Freqüentemente são feitos dois planos/cronogramas: o plano geral, que inclui tudo, da fase de preparação até a entrega do relatório final, e um cronograma mais detalhado da fase de campo.

No Trabalho de Campo

5. No Trabalho de Campo

Neste capítulo, apresentamos brevemente os 3 momentos principais do trabalho de campo e, a seguir, as ferramentas ou técnicas correspondentes.

No trabalho de campo de um DRP se distinguem 3 passos principais:

- primeiro, a apresentação da equipe de facilitadores na comunidade;
- segundo, a análise da situação atual com seus problemas, potencialidades e limitações;
- terceiro, o aprofundamento destes enfocando a busca de soluções viáveis.

5.1. A apresentação à comunidade

É um passo que influi fortemente no sucesso do diagnóstico. O "primeiro contato" da equipe de DRP com a comunidade marca todo o processo. É sumamente importante apresentar-se a todas as pessoas beneficiárias numa reunião inicial e, se o tempo permitir, fazer visitas pessoais.

Para não criar expectativas que posteriormente não possam ser cumpridas, devem ser esclarecidos o procedimento, o objetivo e as limitações do diagnóstico.

Primeira fase do diagnóstico: análise da situação e identificação de problemas ou limitações

O propósito deste passo é que, partindo de uma análise da situação atual da comunidade, os/as agricultores/as identifiquem os seus problemas ou limitações mais importantes. Inicia-se utilizando diferentes ferramentas, pontos de vista (trabalhando com diferentes "grupos de interesse" da comunidade) e enfoques para se obter uma imagem ampla da realidade e, assim, poder identificar as limitações principais. Uma vez realizada esta análise preliminar, são priorizados os problemas de maior urgência ou interesse para a comunidade.

Esta priorização dos assuntos ou problemas deve ser discutida com toda a comunidade, preferivelmente numa reunião geral, na qual sejam apresentados os resultados de todas as ferramentas que foram sendo utilizadas. A discussão sobre estes resultados é crucial, já que confirmará, ampliará ou questionará a seleção de assuntos escolhidos. A apresentação de cada ferramenta será feita preferivelmente pelas pessoas que participaram do seu desenvolvimento.

Segunda fase do diagnóstico: aprofundar as limitações identificadas e procurar soluções

São enfocadas as causas e os efeitos das limitações priorizadas no segundo passo. São analisadas as causas dos problemas que podem ser melhorados com um esforço conjunto. Depois são discutidas as possíveis alternativas para conseguir a situação desejada, e, finalmente, são escolhidas as alternativas mais viáveis.

É aconselhável deixar um tempo de reflexão entre as duas fases de diagnóstico, para analisar os resultados da identificação de problemas e poder ajustar a análise e o processo de busca de soluções. O tempo necessário entre as duas fases depende da magnitude do DRP que esteja sendo realizado: em se tratando de um DRP numa comunidade pequena, podem bastar 3 ou 4 dias; no entanto, se se tratar de um DRP realizado simultaneamente em várias comunidades, vai ser necessário mais tempo.

A seguir, apresentaremos uma caixa de ferramentas que foram sendo desenvolvidas ao longo da aplicação do DRP.

Logicamente não se podem, nem se devem aplicar todas estas ferramentas num DRP, mas, sim, escolher conforme a sua utilidade em relação ao enfoque e às circunstâncias específicas de cada diagnóstico.

A Caixa de Ferramentas do DRP

6. A Caixa de Ferramentas do DRP

6.1. Observação participante	22
6.2. Entrevistas semi-estruturadas	22
6.3. Mapas e maquetes	24
Recursos Naturais	24
Social	25
Comunidade	26
Propriedade	27
Fluxos econômicos	28
Migração	28
Futuro	29
6.4 Travessia	30
6.5 Calendários	31
Agrícola	31
Atividades	32
Sazonal	33
Histórico	34
6.6 Diagramas	35
Árvore de problemas	35
Diagrama de Venn	37
Fluxograma comercialização	38
Fluxograma de produção	39
6.7 Matrizes	39
Comercialização	40
Camadas sociais	40
Organização comunitária	41
Priorização de problemas	43
Hierarquização por casais	43
Cenário de alternativas	44
6.8 Análise de Gênero	45
Rotina diária	45
Uso do tempo	46
Distribuição de tarefas	47
Tomada de decisões	49
Controle e acesso	50
Mapa de movimentos	51
6.9 Outras ferramentas	52

6.1 Observação participante

O objetivo central do DRP é compreender a percepção da realidade da comunidade. É crucial entender por que agem desta ou de outra maneira, antes de opinar e de propor "a solução lógica". Muitas vezes o comportamento das/os agricultoras/es é muito mais lógico do que parece inicialmente, só que não sabíamos o "porquê". Este freqüentemente descobrimos quando participamos das tarefas cotidianas. Por estas razões, a convivência em algumas tarefas cotidianas pode esclarecer, muitas vezes, mais do que dezenas de questionários. Enfim, a observação participante não propõe mais do que "andar com os olhos abertos" e aproveitar as possibilidades de compartilhar alguns momentos do cotidiano com os agricultores.

Quando utilizá-la: é, claramente, uma ferramenta para a primeira fase de pesquisa. Serve, também, para conhecer a realidade da comunidade e criar certa confiança para compartilhar tempo com os comunitários.

6.2 Entrevistas Semi-estruturadas

As entrevistas desempenham um papel muito importante no DRP. Trata-se de uma entrevista que é guiada por 10-15 perguntas-chave determinadas anteriormente. Esta ferramenta facilita criar um ambiente aberto de diálogo e permite à pessoa entrevistada se expressar livremente sem as limitações criadas por um questionário. A entrevista semi-estruturada pode ser realizada com pessoas-chave ou com grupos.

Quando utilizá-la: pode ser utilizada tanto na primeira como na segunda fase de pesquisa, já que serve tanto para conhecer as limitações da comunidade como para discutir sobre possíveis soluções.

Algumas indicações para sua aplicação

Devem ser selecionadas cuidadosamente as pessoas entrevistadas, assim como o lugar e o momento para a entrevista, preferencialmente num ambiente familiar: em casa ou no campo, e nunca num momento do dia em que a entrevista atrapalhe seriamente o trabalho da pessoa entrevistada.

É preferível realizar a entrevista com duas pessoas: uma para levar a entrevista e outra para se encarregar exclusivamente das anotações e percepções.

A entrevista deve começar com as formas tradicionais de cumprimento e uma apresentação das pessoas que a realizam.

A Arte de Perguntar

Um dos pontos-chave no começo da entrevista é mostrar que não se trata de um interrogatório, e, sim, de apreender os conhecimentos da pessoa entrevistada. Existem certos tipos de perguntas que ajudam no processo da entrevista:

Perguntas abertas: "qual é a sua opinião sobre...?"

Perguntas estimulantes: "como conseguiu ter um jardim tão bonito?"

Perguntas dignificantes: "você que tem tanta experiência no cultivo de... o que pode me dizer em relação a...?"

Perguntas sobre eventos-chave: "como conseguiram recuperar a força depois da seca? Quais foram as inovações na produção de ... nos últimos anos?"

Além disso, é importante retroalimentar e confirmar. Retro-alimentar significa mostrar que está escutando; pode ser com palavras ou gestos.

Confirmar significa repetir algumas respostas (não todas!) que não ficaram claras com as suas próprias palavras, para assegurar-se de que as entendeu bem.

Existem certas "regras éticas" pelas quais se guia o/a entrevistador/a:

- Explique as suas intenções e procure a aprovação da pessoa entrevistada.
- Leve em consideração os desejos da pessoa entrevistada sem impor os seus critérios.
- Respeite o conhecimento da pessoa entrevistada sobre o assunto.
- Respeite a opinião da pessoa entrevistada sem, necessariamente, compartilhá-la.
- Escute atentamente, já que a pessoa entrevistada colocou o seu tempo à disposição.

Finalmente, existem algumas perguntas que não servem, como as perguntas sugestivas ou manipuladoras, por exemplo: "Não é verdade que você prefere a agricultura orgânica?"

Entrevista semi-estruturada com agricultores e pescadores artesanais



Figura 5 - Entrevista semi-estruturada com agricultores e pescadores artesanais

6.3 Mapas e Maquetes

Os mapas servem para o planejamento, a discussão e a análise da informação visualizada. Podem ser elaborados sobre o papel ou com qualquer tipo de material (pedras, paus, sementes, etc.) sobre o solo. Os mapas, e mais ainda as maquetes, permitem a participação de todos os membros da comunidade e constituem um dos instrumentos mais variáveis e comuns do DRP.

Quando utilizá-los: são instrumentos típicos para a primeira fase de pesquisa. Em alguns casos também podem ser utilizados para visualizar diferentes alternativas para a solução de um problema.

Como toda a informação é gerada em grupos, apresenta-se o resultado, mais tarde, a toda a comunidade.

Mapa de Recursos Naturais

Tema: o mapa de recursos naturais da comunidade mostra graficamente os diferentes elementos do uso do espaço, enfocando principalmente os recursos naturais. São distinguidas as áreas ocupadas pelos habitantes, recursos da flora e fauna, zonas de cultivos, construção de infra-estrutura social, áreas problemáticas e em conflito, limites, etc. Este mapa serve de análise e discussão sobre a situação do estado atual dos recursos naturais da comunidade.

Propósito: criar uma concepção compartilhada sobre a utilização do espaço e dos recursos. Serve de base para identificar potencialidades e limitações existentes.

Tempo: entre 1-2 horas.

Materiais: folha grande de papel, lápis, pincéis, giz de cera ou com qualquer tipo de material (pedras, paus, sementes, etc.) no chão.

Como é feito: formar um grupo misto e explicar o objetivo e os elementos do mapa.

Para ajudar a começar, o moderador/a pode sugerir começar com elementos de referência, como: rios, estradas, limites da comunidade, etc.

Outros elementos que podem ser incluídos são água (rios e riachos com os seus nomes, poços naturais e perfurados, canais de irrigação, aquedutos, lugares para se tomar água), vegetação (bosque natural, bosque secundário, matagal, cultivos perenes, porções de terra, poteiros, outros), parcelas com tipo de cultivo, tipo de solos (férteis pobres), zonas frágeis e com erosões, lugares de

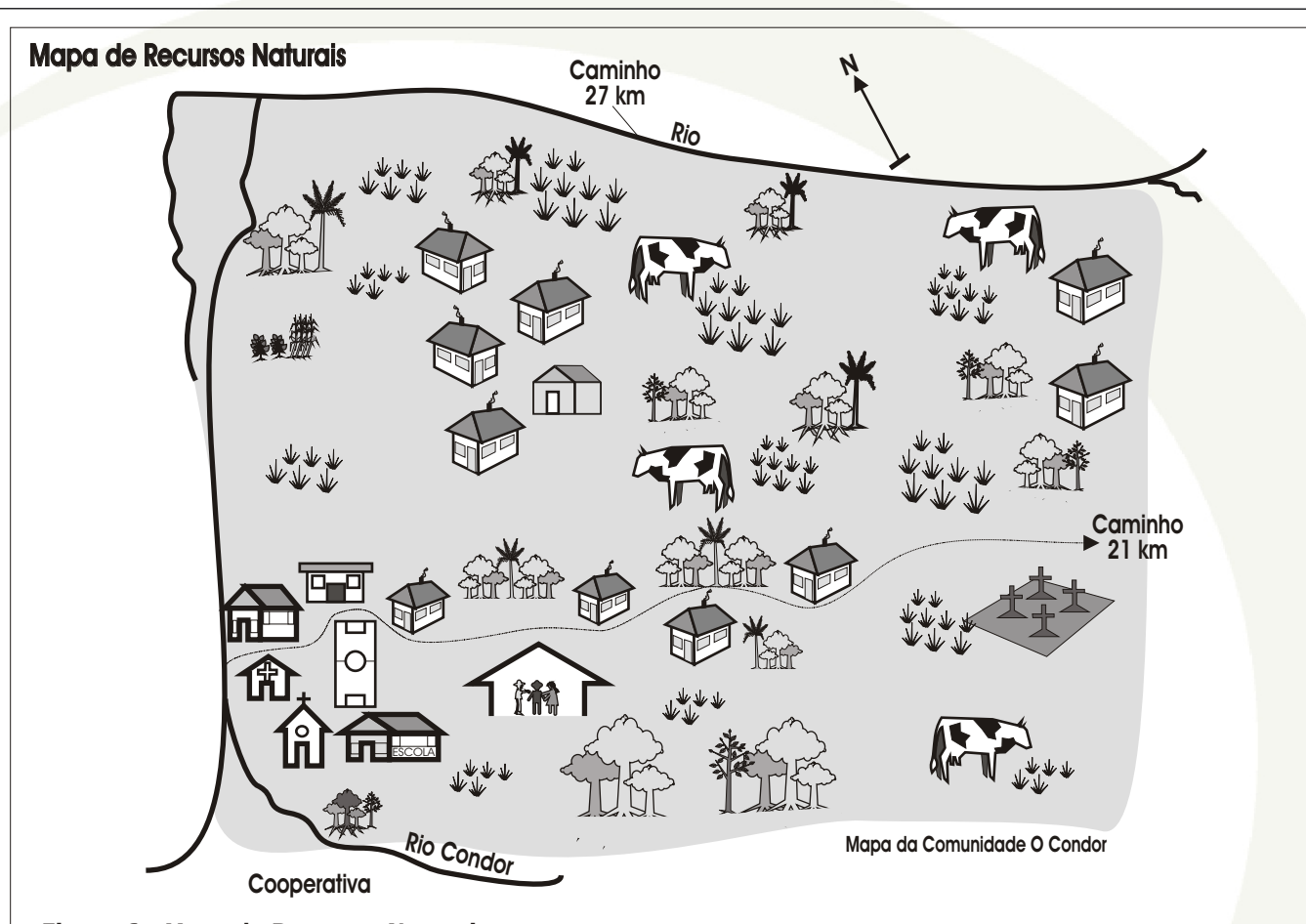


Figura 6 - Mapa de Recursos Naturais

Mapa Social

Tema: levantar informações sobre as condições de vida, como podem ser o acesso à água potável, energia elétrica, qualidade de moradia. Além disso, visualiza a estrutura social da comunidade, como: o número de lares, o tipo de ocupação de seus habitantes, etc.

Propósito: analisar a situação social e gerar a discussão em relação a necessidades e potencialidades. Pretende-se melhorar as condições de vida, em consideração à estrutura social da comunidade.

Tempo: entre 1-2 horas.

Materiais: pedaço grande de papel, lápis, pincéis, giz de cera ou com qualquer tipo de material (pedras, paus, sementes, etc.) no chão.

Como é feito: formar um grupo e explicar o objetivo e os elementos do mapa. Para ajudar a começar a mediação, pode sugerir iniciar com elementos de referência, como a localização de serviços (escola, igreja, centro de saúde, área de lazer, centro comunitário, mercearias, armazéns, lojas, etc.), localização de moradias (e o número de habitantes) e as estradas principais.

Adicionalmente, podem ser visualizados a qualidade de construção, o acesso à água e à energia elétrica, etc.

Mapa Social

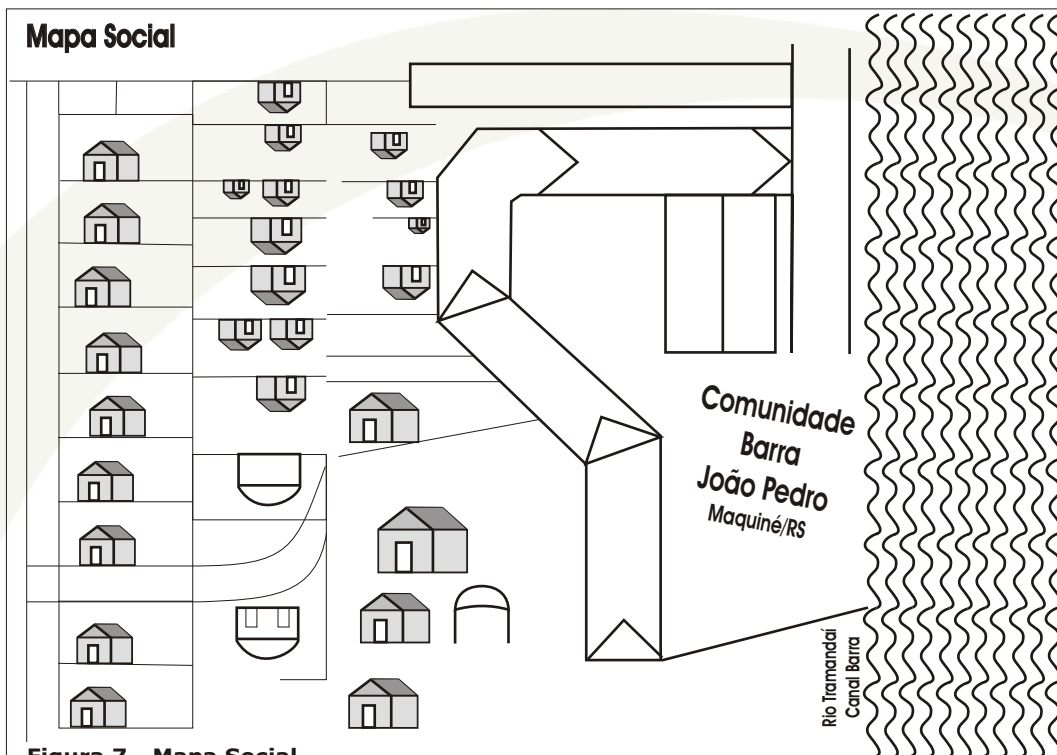


Figura 7 - Mapa Social

Mapa da comunidade

Tema: levantar informações sobre as condições de vida, como podem ser o acesso à água potável, energia elétrica, qualidade de moradia. Além disso, visualiza a estrutura social da comunidade, como: o número de lares, o tipo de ocupação de seus habitantes, etc.

Objetivo: criar uma concepção compartilhada sobre a situação atual da comunidade em relação a seus potenciais e suas limitações no âmbito produtivo, social, sanitário, etc.

Tempo: entre 2-3 horas.

Materiais: pedaço grande de papel, lápis, pincéis, giz de cera ou com qualquer tipo de material (pedras, paus, sementes, etc.) no chão.

Procedimento: como se trata de uma combinação dos dois mapas anteriores, o procedimento inclui tanto as perguntas-chave como os aspectos tratados no Mapa Social e no Mapa de Recursos Naturais.

Mapa da Comunidade



Figura 8 - Mapa da Comunidade

Freqüentemente inicia-se com a distinção entre zonas urbanas, rurais, as quais, ao longo da elaboração do mapa, vão sendo detalhadas

Mapa de propriedade

Tema: mostra todos os detalhes produtivos e de infra-estrutura social de uma propriedade. Em geral são feitos vários mapas de propriedade ou dos diferentes tipos de propriedade na zona ou de vários parecidos, para se obter uma melhor visão global.

Objetivos: analisar e entender a organização produtiva em nível de propriedade.

Permite ver detalhes que normalmente os mapas de recursos naturais ou da comunidade não oferecem, já que estes são feitos em maior escala.

Tempo: entre 1-2 horas.

Materiais: pedaço grande de papel, lápis, pincéis, giz de cera ou com qualquer tipo de material (pedras, paus, sementes, etc.) no chão.

Procedimento: em geral costuma ser feito na mesma propriedade do produtor com a presença e a participação de todas as pessoas que trabalham nela (família, empregados, trabalhadores temporários, etc.). Costuma-se começar com a casa do agricultor e estende-se o mapa das áreas ou terras mais próximas até as mais distantes.

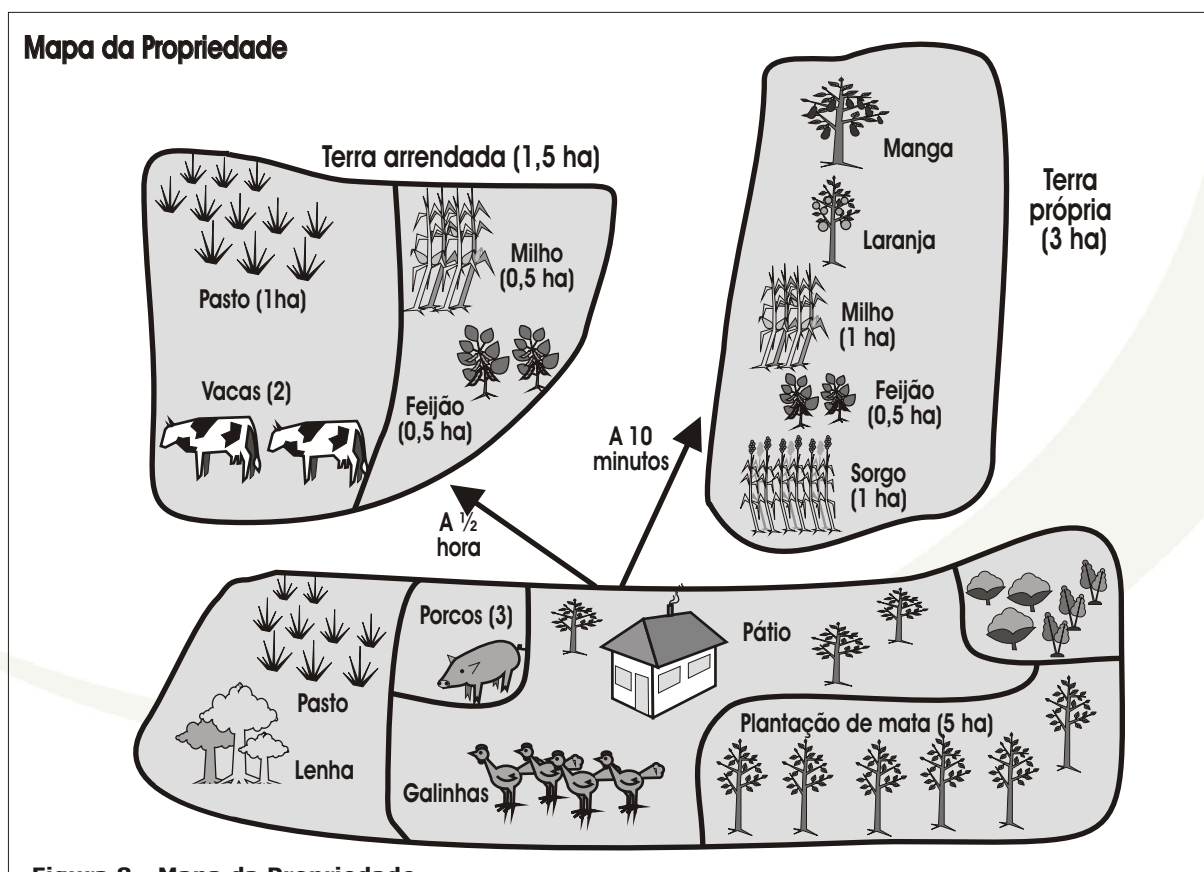


Figura 8 - Mapa da Propriedade

Mapa de fluxos econômicos

Tema: apresenta as relações entre os diferentes elementos dos sistemas produtivos dentro e fora da comunidade.

Objetivo: representar como se inter-relacionam os diferentes elementos do sistema produtivo (agrícola, pecuário, florestal, irrigação, serviços, comercialização, etc.).

Tempo: entre 1-2 horas.

Materiais: pedaço grande de papel, lápis, pincéis, giz de cera ou com qualquer tipo de material (pedras, paus, sementes, etc.) no chão.

Procedimento: formar um grupo e explicar o objetivo e os elementos do mapa de fluxo. Desenhar os elementos produtivos internos da comunidade no centro (plantações, porções de terras, gado/pastagem, outros animais, unidades de beneficiamento, mercearias, moradias, ônibus, etc.). Desenhar os elementos econômicos externos ao redor da comunidade, por exemplo: centros de comercialização, lugares de compra de insumos, produtos, (alimentos).

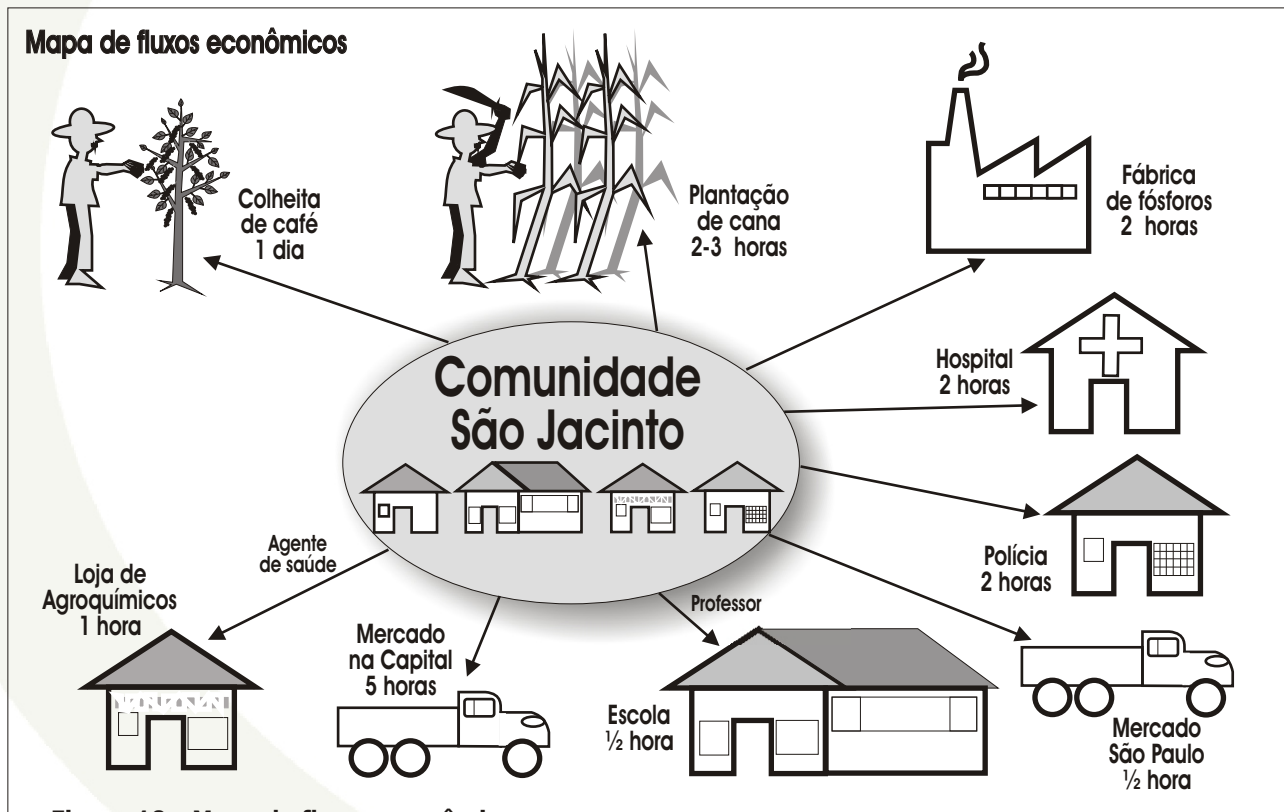


Figura 10 - Mapa de fluxos econômicos

Mapa de migração

Tema: é um gráfico que mostra os movimentos de migração da comunidade.

Objetivo: visualizar os movimentos migratórios com as suas causas e efeitos.

Tempo: 1-2 horas.

Objetivo: visualizar os movimentos migratórios com as suas causas e efeitos.

Tempo: 1-2 horas.

Materiais: pedaço grande de papel, lápis, pincéis, giz de cera ou com qualquer tipo de material (plantas, pedras, sementes, etc.) sobre o chão.

Procedimento: reunir um grupo misto de homens e mulheres, explicar os objetivos e a finalidade da apresentação gráfica. Desenhar um círculo no centro, que representa a comunidade. Desenhar na parte de cima com círculos os lugares de onde vieram os antepassados e os atuais moradores para viver na comunidade. Com pontos se realiza um cálculo das famílias que vêm destas comunidades e cidades. Desenhar na parte de baixo com círculos os lugares para onde migraram os comunitários durante os últimos 10 anos. Com pontos se realiza um cálculo das famílias e pessoas que foram a estas comunidades e cidades. Terminar o gráfico verificando se contém as informações necessárias sobre o tema.

Mapa de Migração

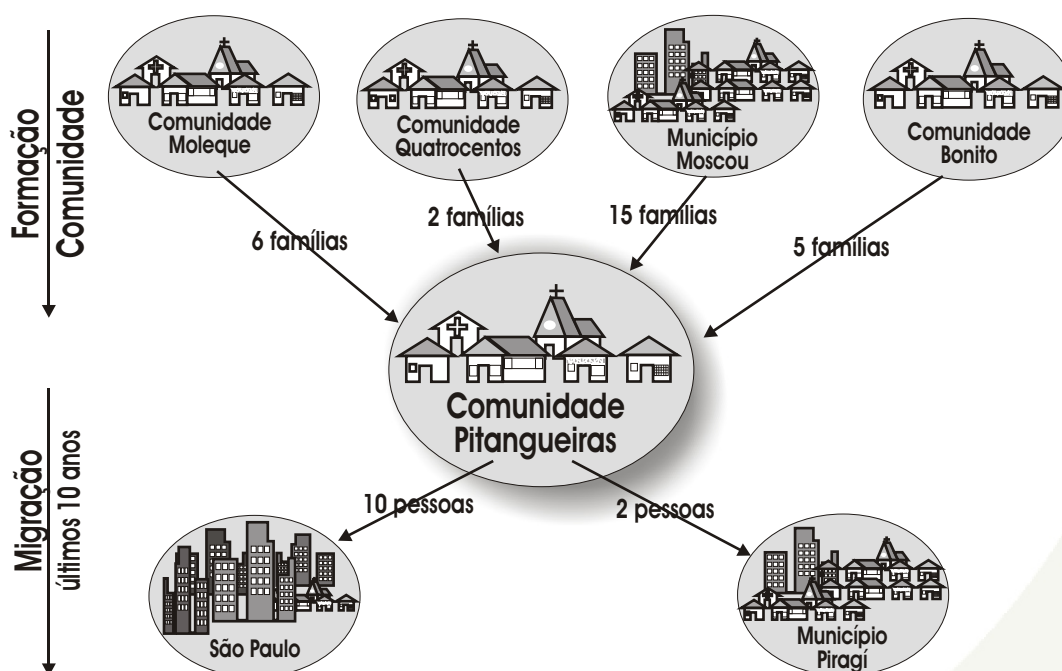


Figura 11 - Mapa de Migração

Mapa da situação futura

Tema: o Mapa Futuro é uma projeção do que seria a nossa comunidade no futuro, se conseguíssemos superar os problemas atuais.

Também é possível fazer dois mapas, um com a situação desejada e outro que mostre a situação futura da comunidade no caso de que não sejam resolvidos os problemas.

Objetivo: gera a discussão sobre as ameaças e oportunidades no futuro. Facilita visualizar e compartilhar medos e visões.

Tempo: 1-2 horas.

Materiais: pedaço grande de papel, lápis, pincéis, giz de cera ou com qualquer tipo de material (plantas, pedras, sementes, etc.) sobre o chão.

Procedimento: partir do Mapa de Recursos Naturais, Social ou da Comunidade. Refazer o Mapa segundo as propostas (projeções) dos/as participantes. Apoiar com perguntas como "E aqui, onde é jogado o lixo, como vocês gostariam que fosse usado esse terreno no futuro?"

6.4 Travessia

A travessia permite obter informação sobre os diversos componentes dos recursos naturais, a vida econômica, as moradias, as características de solos, etc. É realizada por meio de uma caminhada linear, que percorre um espaço geográfico com várias áreas de uso e recursos diferentes. Ao longo da caminhada se anotam todos os aspectos que surgem pela observação dos participantes em cada uma das diferentes zonas que se cruzam.

Posteriormente se elabora um diagrama da travessia. É "A" ferramenta da primeira fase do diagnóstico da pesquisa. Frequentemente é a primeira que se utiliza num DRP.

Objetivo: inicia uma discussão pela elaboração de um diagrama.

Este deve mostrar as diferentes áreas ecológicas e topográficas dentro dos limites da comunidade com seus diferentes usos, problemas associados e potenciais de desenvolvimento.

Tempo: 2 horas para o percurso e 1-2 horas para a elaboração do diagrama.

Materiais: um mapa da zona, preferivelmente o mapa da comunidade ou dos recursos naturais elaborado previamente, uma caderneta para tomar notas no percurso, um pedaço grande de papel e pincéis.

Procedimento: formar um grupo de ambos os sexos, explicar o objetivo e os elementos da travessia. Escolher um percurso com base no mapa de recursos naturais ou da comunidade elaborados anteriormente.

Realizar o percurso pelo trajeto escolhido, anotando as características principais e as mudanças encontradas, usando sempre as denominações utilizadas pelas pessoas. Visualizar a informação obtida durante o percurso sobre uma folha de papel grande, mostrando o perfil do terreno com as diferentes zonas encontradas e seus nomes.

Com base numa discussão com os/as participantes, indicar sobre o diagrama as informações fundamentais sobre o uso e estado dos recursos em cada área. Qual é a distância de uma área e à outra? Qual é o uso dado à terra e à vegetação? O que se cultiva? Qual é a qualidade do solo? Como é o relevo? Que tipos de animais são criados? Quem trabalha e quem se beneficia dos diferentes recursos? Que problemas existem nesta área? Que mudanças aconteceram no passado?

Travessia



Solo	Argiloso pesado	Arenoso leve	Arenoso argiloso	Argiloso	Argiloso	Argiloso	Arenoso argiloso	Argiloso	Arenoso argiloso
Vegetação	Pasto/mato	Pasto	Mato	Pasto natural/mato	Mato		Mato	Mato	Mato
Cultura	Capim Bufel	Sésamo	Árvores Milho espécie	Árvores	Algodão Árvores	Capim estrela	Algodão Árvores	Árvores/Capim estrela	Algodão
Posse	Assentados	Cooperativa		Particular	Assentados	Assentados	Assentados	Assentados	Assentados
Fonte de água	Açude		Açude	Lagoa		Açude Cisterna	Cisterna	Cisterna	Açude Cisterna
Pecuária			Vacas			Vacas ovelhas aves		Vacas	Vacas aves
Problemas	Pasto degradado		Ervos daninhas	Inços		Formigas grilos	Pragas comercialização	Grilos	Comercialização ervas daninhas

Percorso: 09 km

Referências:



Figura 12 - Travessia

6.5 Calendários

Os calendários permitem analisar todos os aspectos relacionados ao tempo. Podem ser destacadas as atividades que mais tempo ocupam e as épocas dos diferentes cultivos e seus respectivos trabalhos num período agrícola. Podem ser cobertos processos longos num calendário histórico ou a distribuição do tempo num dia habitual de trabalho.

Quando utilizá-los: em geral são utilizados na primeira fase de pesquisa do DRP. Os calendários costumam ser realizados depois dos mapas iniciais e da travessia.

Calendário Agrícola

Tema: mostra informação sobre as estações agrícolas e atividades produtivas da comunidade. Refere-se ao tipo de cultivo, ao tipo de criação, ao tempo adequado para cultivá-lo e às atividades agrícolas realizadas.

Objetivo: identificar os produtos que são cultivados na comunidade e em que tempo são realizados. Permite revisar se os produtos estão sendo cultivados no tempo adequado ou se é necessário identificar técnicas mais adequadas. Também mostra a rotação de cultivos nas diferentes épocas do ano.

Tempo: entre 1-2 horas.

Materiais: pedaço de papel, lápis, pincéis, giz de cera ou materiais disponíveis no chão.

Como é feito: formar um grupo e explicar o objetivo e os elementos do calendário agrícola. Inicia-se definindo a escala de tempo (semanas, meses, estações, etc.). Costuma-se começar com o cultivo mais importante, o segundo mais importante e assim sucessivamente. Deixar os/as agricultores/as desenharem sozinhos e somente intervir para esclarecimentos ou perguntas. Definir as

atividades agrícolas e pecuárias para cada cultivo ou animal e em que momento do ano são realizadas a plantação, colheita, limpeza, limpeza da terra, poda, comercialização, etc.

Calendário agrícola	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Milho	Comércio 	Comércio 						Plantio 	Plantio 			Colheita
Feijão	Colheita 	Comércio 	Comércio 						Plantio 	Plantio 		
Pasto verão	Disponível 							Plantio 		Disponível 	Disponível 	Disponível
Pasto inverno			Plantio 		Disponível 	Disponível 	Disponível 					
Gado leite	Produção Reprodução 	Produção Comércio Consumo 	Produção Comércio Consumo 	Produção Comércio Consumo 	Produção Comércio Consumo 	Produção Comércio Consumo 	Produção Comércio Consumo 	Produção Comércio Consumo 	Nascimen- tos Comércio Consumo 	Nascimen- tos Comércio Consumo 	Vacinação 	Reprodu- ção

Figura 13 - Calendário Agrícola

Calendário de Atividades

Tema: trata-se de um calendário agrícola ampliado que inclui atividades não-relacionadas à agricultura. Visualiza o emprego do tempo segundo setores de intervenção, como: agrícola, social, outras fontes de receita e trabalho, etc. Também permite comparar a distribuição do emprego do tempo entre homens e mulheres.

Objetivo: gera a discussão sobre a distribuição do tempo disponível e as possibilidades de melhorá-la ou mudá-la.

Tempo: entre 1-2 horas.

Materiais: pedaço de papel, lápis, pincéis, giz de cera ou materiais disponíveis no chão.

Como é feito: formar um grupo e explicar o objetivo e os elementos do calendário. Inicia-se definindo a escala de tempo (semanas, meses, estações, etc.). A seguir são determinadas as atividades principais, tanto produtivas como sociais e culturais. Uma vez nomeadas, não importa a cronologia na qual vão sendo analisadas.

Calendário de Atividades	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Atividade												
Trabalhar na terra (homens)	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•
Trabalho com o gado (mulheres)	••	•	•	•	•				••	••	••	••
Trabalho na agroindústria (mulheres e jovens)	••						•	•••				••
Recuperar estradas para escoamento da produção (homens e mulheres)				••	••							
Trabalho voluntário da festa da igreja	••									••		••
Preparar artesanatos	•	••	••	•	•				•	•	•	

Figura 14 - Calendário de Atividades

Categorias Pouco: • Regular: •• Muito: •••

Calendário Sazonal (ciclos agrícolas)

Tema: nele se apresentam conjuntamente as relações entre os ciclos naturais sazonais, como: épocas de chuva, seca, temperaturas, etc., e suas repercussões sobre outros ciclos, por exemplo: receitas, emprego, créditos, etc. Desta forma se visualizam as relações entre clima, doenças freqüentes de plantas, animais e pessoas, rotação de cultivos, evolução dos preços de cultivos, carga mensal de trabalho, etc.

Objetivo: relacionar diferentes ciclos que influem ou fazem parte da comunidade e discutir as influências de um ciclo em relação aos outros.

Tempo: 1-2 horas.

Material: sementes, pedras e paus ou papel e pincéis.

Como é feito: formar um grupo de homens e mulheres e explicar a ferramenta. Começar pela escala, preferivelmente em meses. Para apoiar o processo de elaboração do calendário, a mediação pode intervir com perguntas, como: "Qual é o mês quando há mais trabalho? Quais são os trabalhos nessa época? Qual é o outro mês de muito trabalho?"

Para ajudar a quantificar a carga de trabalho por mês, a mediação pode perguntar: "Neste mês se trabalha o dobro, o triplo ou quatro vezes mais que no outro mês?"

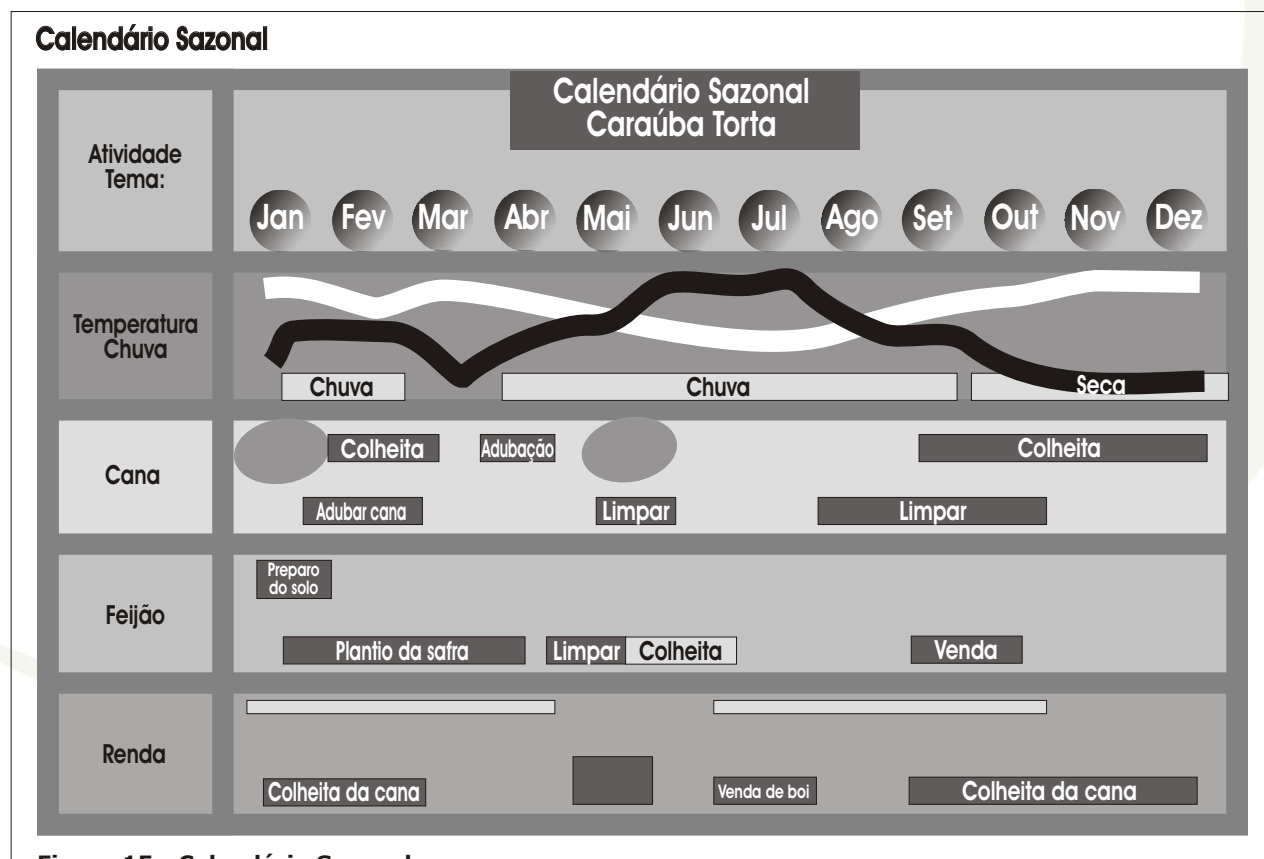


Figura 15 - Calendário Sazonal

Calendário Histórico

Tema: representa as sucessões históricas, com as mudanças que estes causaram no sistema de produção e ambiente num tempo determinado.

Objetivo: visualizar fatos, experiências e mudanças que influíram de forma decisiva sobre o desenvolvimento comunitário e o uso de recursos naturais.

Tempo: 1 hora.

Materiais: pedaço grande de papel, pincéis e giz de cera.

Como é feito: formar um grupo de homens e mulheres que possam descrever as sucessões que ocorreram na comunidade no passado. Explicar o objetivo da ferramenta. Definir uma escala de tempo desde a criação da comunidade até a atualidade (primeira coluna). Discutir os assuntos a serem tratados e introduzi-los na primeira linha. Também podem ser definidos os símbolos que serão utilizados para identificar os assuntos. Continuar discutindo os fatos, as experiências e as mudanças mais importantes e introduzi-los na segunda coluna (sucessões históricas). Os/as participantes desenham as respostas das mudanças nos diferentes assuntos, por exemplo: a chuva, o sol, os ventos, a água, o solo, o bosque, a família, os peixes, animais silvestres.

O calendário histórico pode ser feito por meio de desenhos que representam as fases históricas ou de tabelas.

Calendário Histórico - Tabela

Data Período	Fatores Ambientais	Fatores Social/Cultural	Econômicos	Crises
1910		- Bodega São Pedro - Pescavam melhor		
1945	- Dragagem canal existia + peixe	- Telefone	- Influencia vapor	
1955	- Parou dragagem		- Parou vapor - Pescava bagre/tainha	- Parada vapor
1955/62		- Sobraram 2 famílias	- Ponte	
1962		- Retorno das Famílias - Associação a colônia	- Dívida de impostos	- Danificação da rede alta tensão
1965	- Diminuição peixe tainha/ bagre	- Troca local comunidade - Doação área Mazon	- Dívida de impostos cedência da área - Danificação da rede alta tensão	- Danificação da rede alta tensão
1982			- Luz elétrica - Mariana	
1985/86	- Assoreamento Barra - Pesca de jundiá e traíra		- Saída pesca Mostardas	
1990	- Surgiu viola		- Diminuiu tainha	
1994	- Seca/ salga da lagoa - Morte peixe		- Fim pesca tainha/bagre	- Salinização da lagoa

Figura 16 - Calendário Histórico - Tabela

Calendário Histórico - Desenho

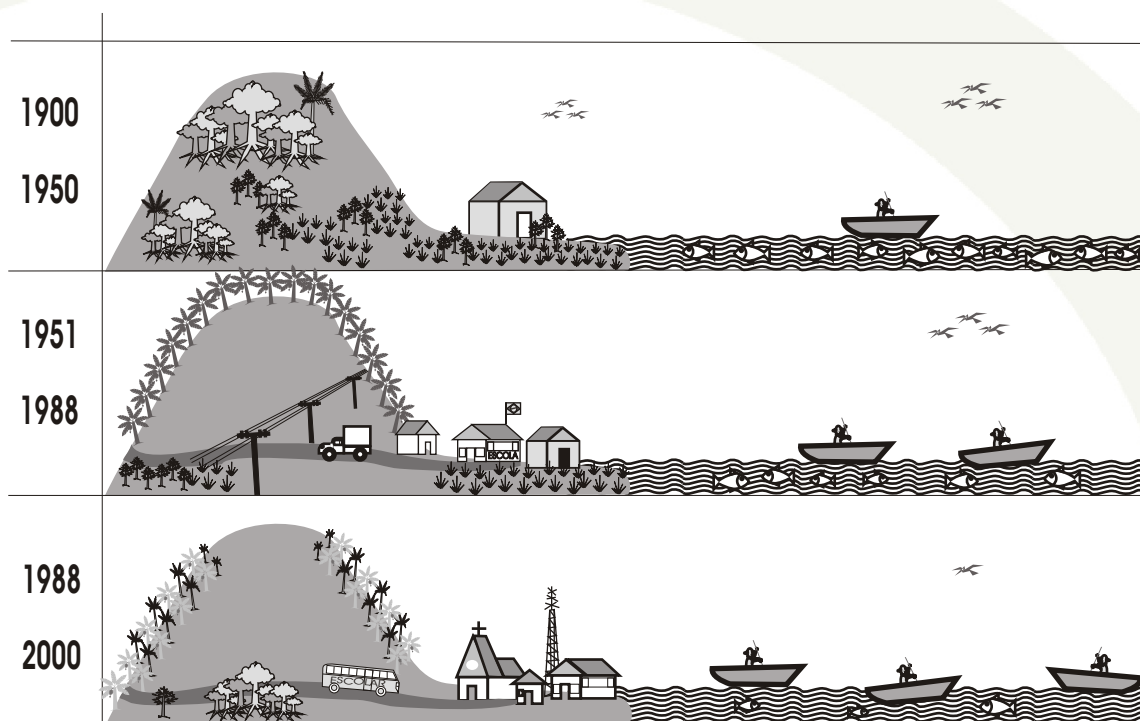


Figura 16 - Calendário Histórico - Desenho

6.6 Diagramas

Os diagramas permitem analisar de maneira acessível todos os aspectos complexos e inter-relacionados. Podem ser visualizadas tanto as relações causa-efeito (com a árvore de problemas), como a intensidade e importância das relações institucionais (diagrama de Venn), comerciais ou de produção (fluxogramas de comércio e produção).

Quando utilizá-los: a árvore de problemas é "A" ferramenta da segunda fase de pesquisa. Em geral é a primeira que se aplica depois de terem sido selecionados os assuntos ou problemas prioritários da comunidade na primeira fase de pesquisa. O diagrama de tortas (ou de "Venn") é um instrumento da primeira fase de pesquisa. É utilizado no final da primeira fase, quando já se chega a um maior grau de confiança com a comunidade e já foram desenvolvidas outras ferramentas menos "complicadas".

Árvore de Problemas

Tema: trata-se de analisar a relação causa-efeito de vários aspectos de um problema previamente determinado, por exemplo, no mapa da comunidade ou corte transversal ou outras em outras ferramentas. As raízes da árvore simbolizam as causas do problema; o próprio problema se encontra no tronco; e os galhos e as folhas representam os efeitos.

Objetivo: a intenção é identificar e analisar um problema com a finalidade de estabelecer as causas primárias. Estas causas primárias serão o ponto de partida para a busca de soluções.

Tempo: aproximadamente 2 horas.

Material: papel, pincéis, tarjetas, cartões (ou papel cortado em pedacinhos pequenos), pincéis e cola.

Como é feito: formar um grupo e explicar a técnica. Inicia-se desenhando uma árvore e colocando o problema identificado previamente no tronco da árvore. Na discussão vão sendo preenchidas tarjetas com possíveis causas (raízes) e efeitos (galhos) do problema, estes vão sendo colocados na árvore.

Uma vez selecionados todos os elementos, se discute se verdadeiramente são causa ou efeito, e, se for necessário, trocam-se da raiz aos galhos ou o inverso. Quando o grupo estiver de acordo com a colocação das tarjetas, estes são fixados na árvore. No debate final se discute quais das causas podem ser eliminadas ou controladas por atividades da comunidade.

Árvore de Problemas

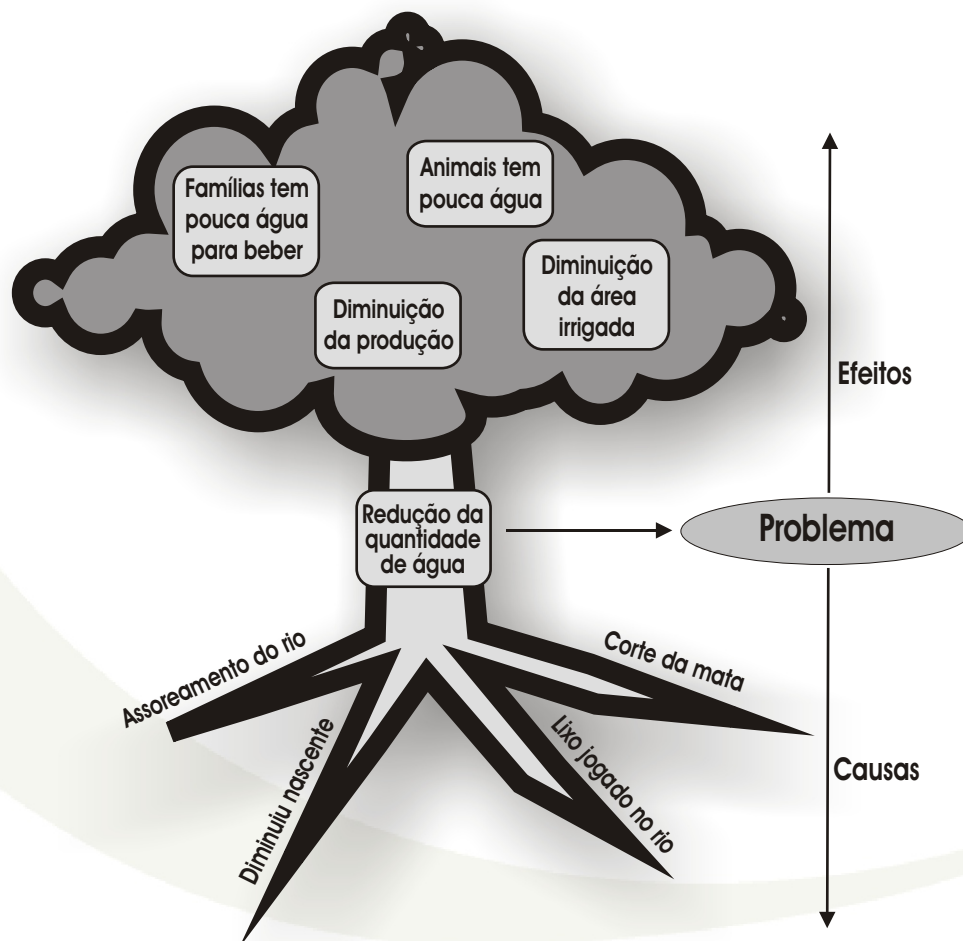


Figura 18 - Árvore de Problemas

Diagrama de Tortas ou Diagrama de Venn

Tema: diagrama que identifica os grupos organizados da comunidade e as relações que estes têm entre si e com outras instituições locais e regionais fora da comunidade.

Objetivo: colocar em evidência as relações que se estabelecem entre os membros da comunidade e as instituições para reconhecer a importância destes fatores nos processos de decisão e desenvolvimento comunitário.

Tempo: entre 1-2 horas.

Materiais: pedaço grande de papel, tarjetas, cartolina, pincéis.

Como é feito: reunir um grupo de homens e mulheres que tenham experiência em relação aos grupos e às instituições vinculados à comunidade. Explicar os objetivos da ferramenta. Desenhar um círculo no centro do papel para representar a comunidade. Em seguida, identificar e desenhar os grupos e ou organizações que tenham relação com a comunidade. Localizar estes grupos e ou organizações no entorno do posicionamento da comunidade.

As instituições que têm menos relações com a comunidade são desenhadas mais longe do círculo, e as que têm mais relações são desenhadas mais perto.

Com linhas e setas se caracteriza o tipo de relações entre grupo e ou instituições e comunidade, podendo identificar se se trata de uma relação recíproca ou não-recíproca. Devem-se anotar comentários que caracterizam o tipo de relações acima ou abaixo das setas. Uma vez terminado o desenho, será feita uma segunda revisão pelos comunitários que participaram.

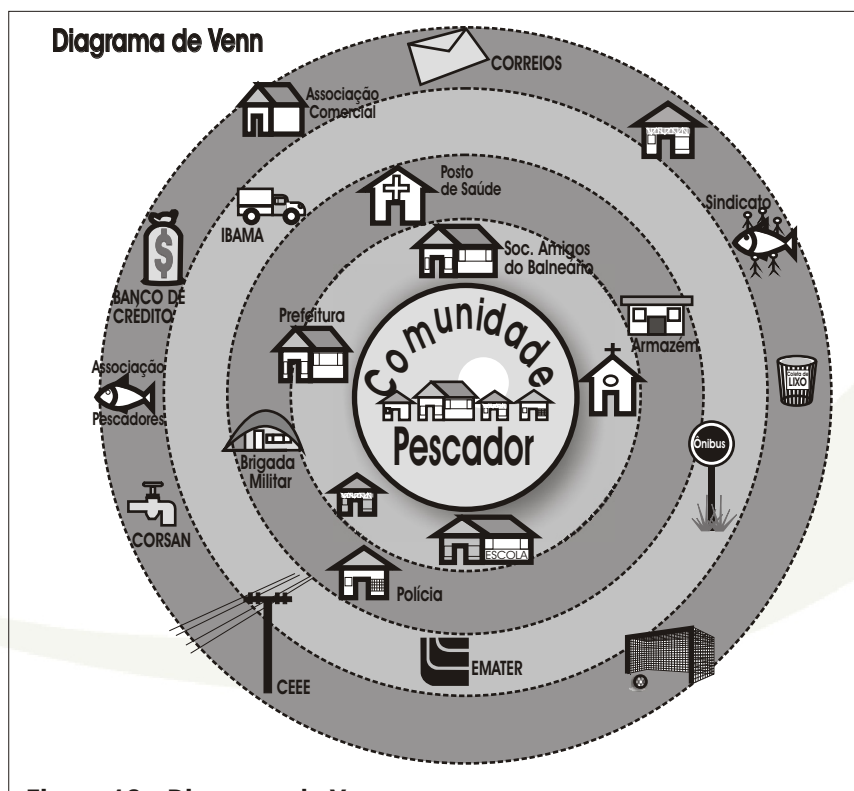


Figura 19 - Diagrama de Venn

Fluxograma Comercial (Fluxograma de Comércio)

Tema: diagrama que expõe todos os fluxos econômicos de uma entidade. Esta pode ser uma propriedade, uma associação de produtores ou qualquer outro conjunto produtivo.

Objetivo: expor os fluxos comerciais em sua totalidade, permitindo uma análise da eficiência, as debilidades e os potenciais comerciais.

Tempo: entre 1-2 horas.

Materiais: pedaço grande de papel, tarjetas, cartolina, pincéis ou qualquer tipo de materiais disponíveis sobre o chão.

Como é feito: reunir o grupo de pessoas representantes da unidade de comercialização (a família da propriedade e seus empregados, os membros da associação de produção, etc.). Como ponto de referência, pode-se desenhar a propriedade ou o armazém da associação. Posteriormente são nomeados todos os produtos que são comercializados, e, a seguir, vão sendo detalhados os passos (fluxos) na comercialização de cada um.

Fluxo de comercialização

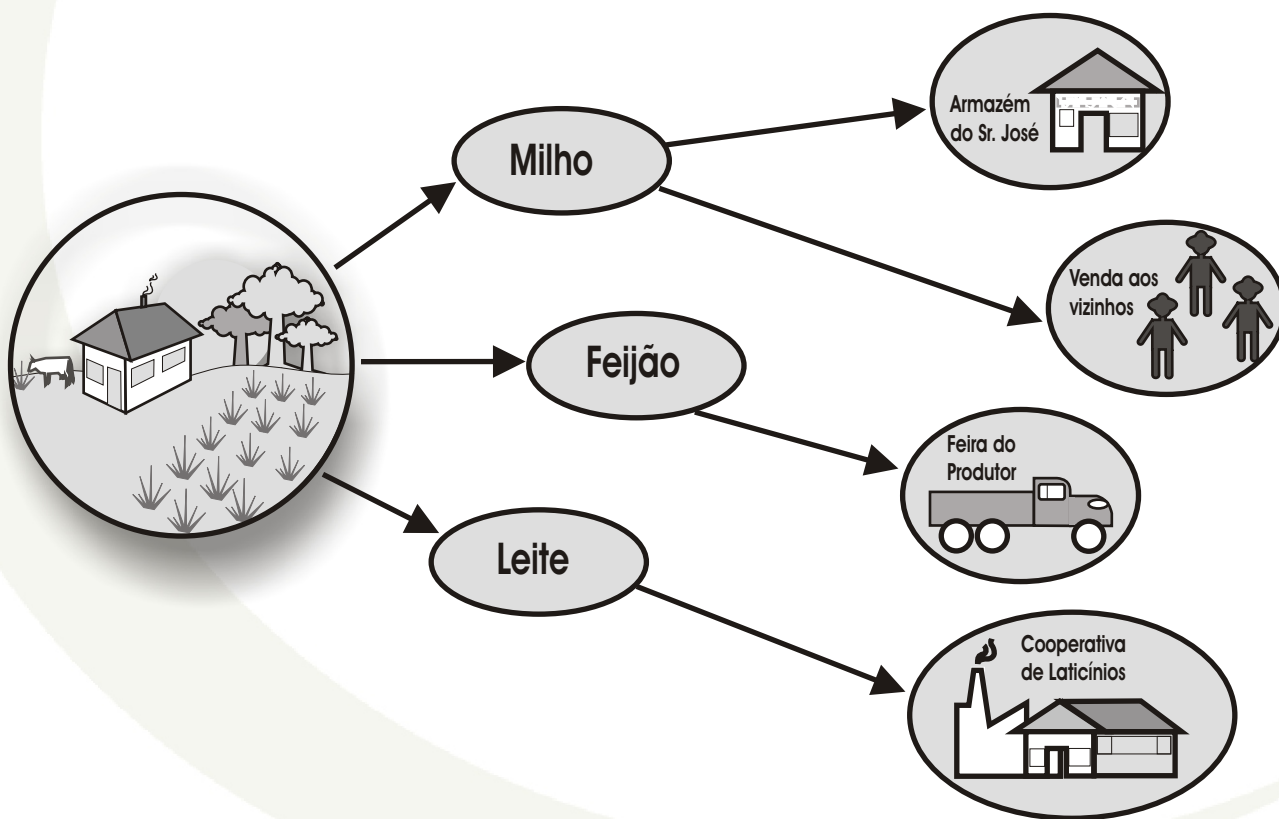


Figura 20 - Fluxo de Comercialização

Fluxograma de Produção

Tema: diagrama que expõe todos os passos na produção de um determinado produto.

Objetivo: analisar detalhadamente a produção para poder melhorá-la.

Tempo: entre 1-2 horas.

Materiais: pedaço grande de papel, tarjetas, cartolina, pincéis ou qualquer tipo de materiais disponíveis sobre o chão.

Como é feito: reunir um grupo de pessoas que produzem a mesma coisa. Iniciar com o levantamento dos passos da produção livremente, depois estes são postos na ordem em que vão sendo realizados e aprofundar para detalhá-los suficientemente.

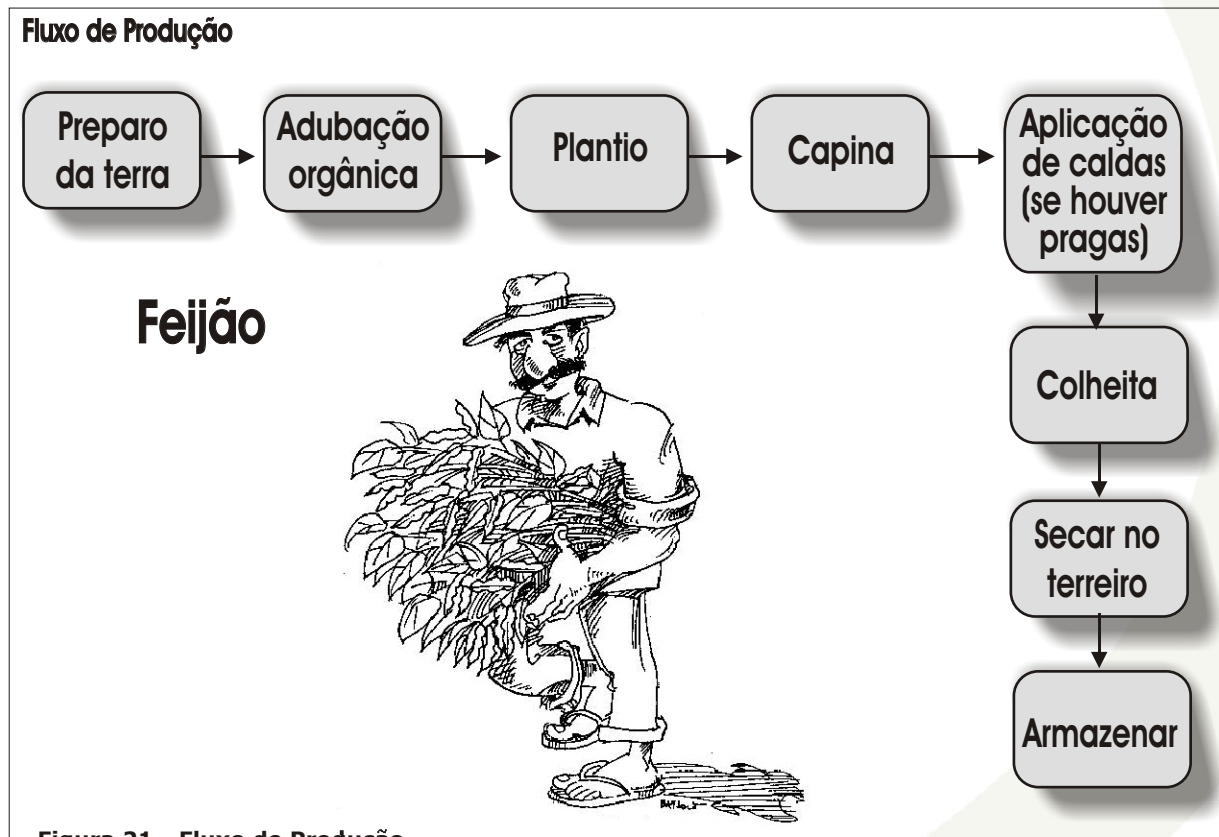


Figura 21 - Fluxo de Produção

6.7 Matrizes

As matrizes, em geral, comparam diferentes opções para poder classificá-las, analisá-las, hierarquizá-las ou avaliá-las. Para isto se trabalha com critérios que permitem fazer estas comparações.

Enquanto a matriz de comercialização pertence à primeira fase de pesquisa de um DRP, as matrizes de avaliação, as alternativas e a hierarquização são, definitivamente, ferramentas da

segunda fase de pesquisa. O cenário de alternativas se aplica, em geral, na última parte desta segunda fase, para fixar e concretizar as medidas que a comunidade tomará, finalmente, para enfrentar os seus problemas.

Matriz de Comercialização

Tema: representa a informação sobre o processo de comercialização de produtos e os agentes que os realizam. Os sistemas de produção estão integrados numa rede de intercâmbio de produtos entre o meio rural e o meio urbano, portanto é importante resgatar informação dos agentes comerciais e as características próprias do ponto de vista da perspectiva dos comunitários.

Objetivo: conhecer de que maneira os agentes comerciais externos e internos realizam transações de comercialização de produtos, a que preços e em que forma de pagamento. Também se registra a quantidade dos produtos comercializados.

Tempo: 1 hora.

Materiais: um pedaço grande de papel, tarjetas, lápis, pincéis.

Como é feito: formar um grupo e explicar o objetivo e os elementos da matriz de comercialização. Identificar no grupo os 10 produtos mais vendidos da comunidade.

Desta maneira se preenche a primeira coluna, desenhando cada produto. Discutir a relação entre venda e autoconsumo de cada produto (segunda coluna). Identificar o processo de comercialização e cada um dos agentes comerciais (terceira coluna); se for necessário, incluir outras colunas.

Matriz de Comercialização



Produtos	Consumo da Comunidade	Venda fora da Comunidade	Autoconsumo	Preço ao Comerciante	Preço ao Consumidor
Arroz	80%	10%	10%	R\$ 30,00 - saco de 60kg	R\$ 60,00 - saco de 60kg
Café	20%	60%	20%	R\$ 80,00 - saco de 50kg	R\$ 120,00 - saco de 50kg
Milho	50%	40%	10%	R\$ 20,00 - saco de 60kg	R\$ 35,00 - saco de 60kg
Feijões	50%	40%	10%	R\$ 100,00 - saco de 60kg	R\$ 120,00 - saco de 60kg

Figura 22 - Matriz de Comercialização

Matriz de Camadas Sociais ("Tipologia" de famílias)

Tema: esta matriz caracteriza as diferenças sociais e econômicas na comunidade, identificadas pelos mesmos comunitários.

Objetivo: classificar os diferentes grupos sociais que formam a comunidade, para poder adaptar as medidas posteriores ao DRP às suas deferentes necessidades.

Tempo: entre 1 e 2 horas.

Materiais: lista de famílias ou lares da comunidade, pedaço grande de papel, tarjetas, pincéis.

Como é feito: reunir um grupo de pessoas (homens e mulheres).

Explicar primeiramente o objetivo da ferramenta. Definir bens que são importantes para os comunitários em relação à sua posse, por exemplo: terra, moradia, veículos, animais, educação, mercearias, lojas, etc.

Para cada um destes bens serão definidos quanto corresponde às famílias pobres, médias e ricas, por exemplo, para a posse de terra: pobres entre 0-40 hectares; médias entre 40-100 hectares; e ricas mais de 100 hectares.

Pede-se para agrupar as famílias nas diferentes categorias por cada bem da lista.

Matriz de Camadas Sociais

Crítérios	Tipo I	Tipo II	Tipo III
Terra	0-10 ha, 10 famílias	mais de 10 ha, 9 famílias	10-20 ha, 40 famílias
Comércio	sem armazém, 56 famílias	pelo menos um armazém, 3 famílias	mais de um armazém ou loja, 0 famílias
Gado	sem animais, 54 famílias	de 1-5 vacas, 3 famílias	mais de 5 vacas, 2 famílias
Moradia	Taipa, 6 famílias	madeira, 53 famílias	alvenaria, 3 famílias
Transporte	Nenhum, 43 famílias	cavalo, 9 famílias	automóveis, 7 famílias
Educação	até o primário, 40 famílias	pelo menos o primário, 3 famílias	primeiro e segundo graus, 3 famílias

Figura 23 - Matriz de Camadas Sociais

Matriz de Organização Comunitária

(baseada na "FOFA" = Fortalezas, Debilidades, Oportunidades e Ameaças)

Tema: esta matriz analisa os grupos organizados da comunidade.

Objetivos: identificar, analisar e visualizar a situação atual dos grupos para conseguir um fortalecimento organizativo.

Tempo: 1 hora.

Materiais: bloco de papel, tarjetas, lápis, pincéis, giz de cera.

Como é feito: reunir um grupo de homens e mulheres da comunidade que participam regularmente dos diferentes grupos. Explicar a ferramenta e seus objetivos. Realizar uma chuva de

idéias sobre os grupos organizados da comunidade e colocá-los na primeira coluna. Começar a discutir as fortalezas, debilidades, oportunidades e ameaças que tenha cada grupo.

Fortalezas são fatores no interior do grupo que contribuem para o seu melhor desempenho.

Debilidades são fatores no interior do grupo que influem negativamente sobre o desempenho.

Oportunidades são fatores externos que influem ou poderiam influir positivamente no desenvolvimento organizativo do grupo, porém sobre os quais o próprio grupo não exerce controle.

Ameaças são fatores externos que influem negativamente sobre o desenvolvimento organizativo do grupo, porém sobre os quais o próprio grupo não tem controle.

Finalmente são discutidas as relações existentes do grupo com os outros grupos da comunidade e com instituições externas, analisando o estado atual das relações e como poderiam fortalecer-se.

FOFA



Figura 24 - FOFA

Matriz de priorização de problemas

Tema: ferramenta que permite de maneira fácil priorizar os problemas identificados durante o diagnóstico, segundo sua importância e ou urgência.

Objetivo: estabelecer uma hierarquia dos problemas identificados que permita à comunidade se concentrar nos que considera mais importantes.

Tempo: 2-3 horas.

Material: papel, tarjeta e pincéis

Como é feito: formar um grupo e explicar a ferramenta. Anotar os problemas identificados durante a primeira fase do diagnóstico. Discutir e estabelecer se serão valorizados numa matriz, segundo sua importância e urgência, ou se serão feitas duas matrizes separadas: uma para priorizar a urgência e outra para a importância. Segundo o tamanho do grupo, cada participante pode votar em até 3 problemas (grupos pequenos) ou por um só problema (grupos grandes).

Matriz de Priorização de Problemas

Problema	Marcar prioridade	Total	Categoria de Prioridade
Falta de água	X X X X X X X X X	9	3º
Mau estado da escola	X X X X	4	5º
Mau estado da rodovia	X X X X X X	6	4º
Erosão	X X	2	6º
Problemas de saúde	X X X X X X X X X X	10	2º
Títulos de propriedade	X X X X X X X X X X X X	13	1º

Figura 25 - Matriz de Priorização de Problemas

Matriz de hierarquização de problemas por pares

Tema: a hierarquização por pares compara os problemas identificados durante o diagnóstico, segundo sua importância para a comunidade.

Objetivo: estabelecer uma hierarquia dos problemas identificados que permita à comunidade concentrar-se nos que considera mais importantes e ou urgentes.

Tempo: 2-3 horas.

Material: papel, tarjetas e pincéis

Como é feito: formar um grupo e explicar a ferramenta. Desenhar um quadro que na

primeira coluna e na primeira linha contenham, na mesma ordem, os problemas identificados durante o diagnóstico. Começar pela célula com o problema número um da coluna e compará-lo com o problema número dois na primeira linha. Perguntar qual é o problema mais importante (ou mais urgente). No cruzamento das duas células escrever o problema priorizado. Uma vez comparados todos os problemas, somam-se as vezes que foram nomeados.

É importante não votar simplesmente entre cada par, e, sim, deixar espaço para a discussão e, assim, facilitar uma comparação de todos os aspectos importantes.

Matriz de Hierarquização de Problemas por pares

	Falta de água	Mau estado da escola	Mau estado da rodovia	Erosão da Terra	Problemas de saúde	Posse de títulos de propriedade
Falta de água	Falta de água	Falta de água	Falta de água	Falta de água	Falta de água	Posse de títulos de propriedade
Mau estado da escola			Mau estado da escola	Mau estado da escola	Problemas de saúde	Posse de títulos de propriedade
Mau estado da rodovia				Mau estado da rodovia	Problemas de saúde	Posse de títulos de propriedade
Erosão da Terra					Problemas de saúde	Posse de títulos de propriedade
Problemas de saúde						Posse de títulos de propriedade
Posse de títulos de propriedade						

Categorias:

1. Problema de posse de título de propriedade (5)	4. Mau estado da escola (2)
2. Falta de água (4)	5. Mau estado da rodovia (1)
3. Problemas de saúde (3)	6. Erosão (0)

Figura 26 - Matriz de Hierarquização de Problemas por pares

Cenário de Alternativas

Tema: compara diferentes alternativas para a solução de um problema. As alternativas são analisadas segundo critérios qualitativos e quantitativos, por exemplo: tempo e recursos necessários.

Objetivo: ajudar no processo de decisão grupal, visualizando vantagens e desvantagens das diferentes alternativas.

Tempo: 2-3 horas.

Material: papel, tarjetas e pincéis

Como é feito: formar um grupo e explicar a ferramenta. Começar anotando as alternativas identificadas anteriormente no processo do DRP. Procurar critérios para avaliá-las. Para ajudar a

mediação pode perguntar: "Do que se precisa para pôr em prática esta alternativa? De quanto se precisa (mão-de-obra, dinheiro, tempo, etc.) para esta alternativa". Uma vez avaliadas todas as alternativas, são hierarquizadas segundo as pontuações recebidas.

Matriz de Cenário de Alternativas

Recurso/Alternativas	Construir poço	Canalizar riacho	Construir canal a partir da represa norte
Mão-de-obra	●●	●●	●
Dinheiro	●●	●●	●
Tempo	●●	●●●	●
Ajuda de outros	●	●●●	●
Total	7	10	4
Categoria	2	1	3

Categoria de Prioridade:

Nenhuma / nada: ●●●●

Pouco: ●●●

Mais ou menos: ●●

Muito: ●

Figura 27 - Matriz de Cenário de Alternativas

6.8 Análise de Gênero

A análise de gênero não é uma "moda", e, sim, uma parte integral de um diagnóstico participativo. As relações de gênero influem em todos os aspectos de uma comunidade, tanto produtivos como sociais. As medidas que tomará a comunidade para melhorar a sua situação igualmente terão uma repercussão nestas relações e devem ser analisadas e discutidas previamente.

Quando utilizá-las: Em geral as ferramentas de análise de gênero são utilizadas na primeira fase de pesquisa, embora devam ser revisadas na segunda fase, para analisar as implicações das alternativas em relação à temática.

Rotina diária das Atividades Mulher e Homem

Tema: a descrição de atividades das mulheres e dos homens de um grupo social específico ajuda a colocar em evidência a sua distribuição, torna visível o trabalho que desempenha cada membro da família e permite compreender a dinâmica das relações sociais de gênero, o apoio mútuo, os esforços de uns e outros, o intercâmbio e também os conflitos.

Objetivo: visualizar a divisão de trabalho entre homens e mulheres. Tornar evidente a carga de trabalho real da mulher. Contribuir para a valorização do trabalho da mulher.

Tempo: 1-2 horas.

Materiais: 2 pedaços grandes de papel, tarjetas, pincéis, giz de cera.

Como é feito: trabalha num grupo de homens e um grupo de mulheres. Explicar os objetivos do exercício. Cada grupo desenha um relógio num bloco de papel e escreve, desenha ou representa com objetos todas as atividades que realiza num dia comum e corrente desde a hora que se levanta até a hora de ir dormir.

As seguintes perguntas podem orientar a reflexão sobre a questão dos relógios:

“Que relógio se vê mais atarefado? Quem se levanta mais cedo? Quem vai dormir mais tarde? De que tempo livre dispõem as mulheres e de que tempo livre dispõem os homens? Por quantas horas do dia trabalham os homens e por quantas as mulheres? Que diferenças existem entre o trabalho do homem e o trabalho da mulher?”.

Rotina Diária da Família

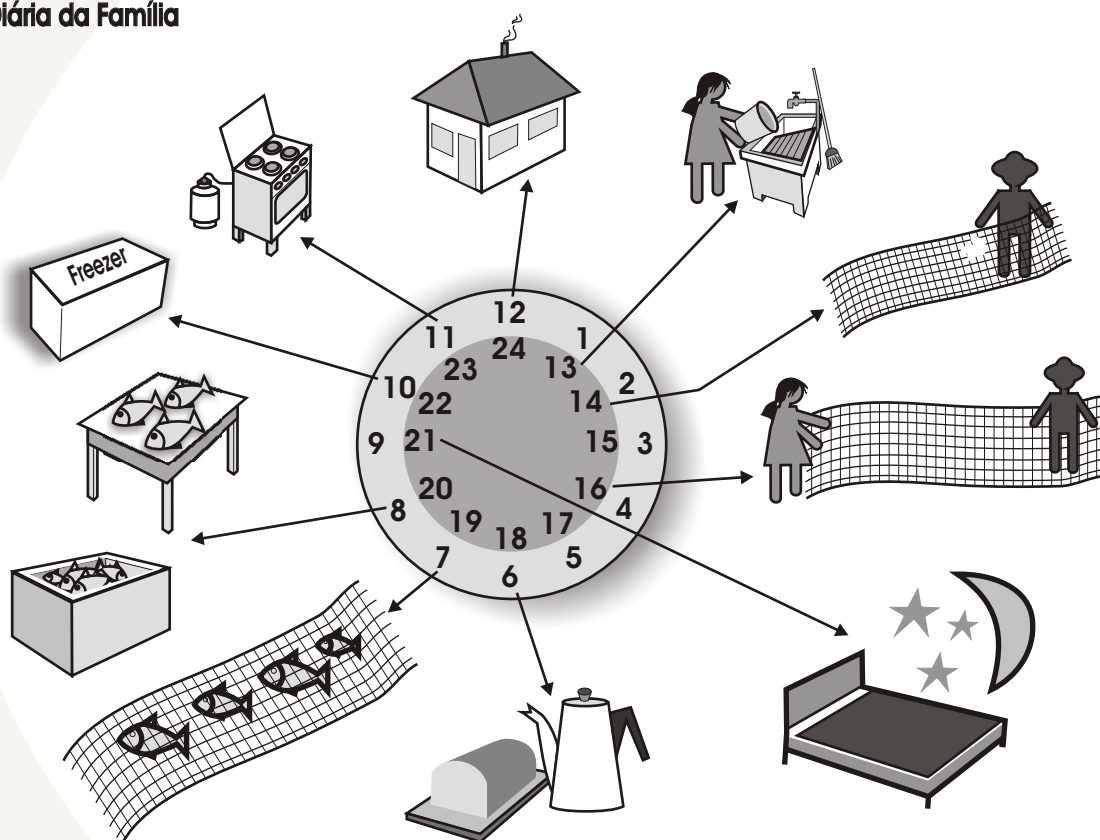


Figura 28: Rotina Diária de Mulheres e Homens

Uso do tempo

Tema: neste caso se trata da descrição das atividades diárias unicamente das mulheres. Estas incluem as atividades domésticas, produtivas e de lazer.

Objetivo: tornar visível a carga de trabalho real da mulher. Contribuir para a valorização do trabalho da mulher.

Tempo: 1-2 horas.

Materiais: pedaços grandes de papel, tarjetas, pincéis, giz de cera.

Como é feito: pode-se trabalhar com um grupo de mulheres ou repetir o exercício com várias mulheres. Ao início se explica o objetivo do exercício. Depois vão sendo anotadas na primeira coluna, cronologicamente, todas as atividades de um dia. A seguir são desenhadas as colunas das pessoas ou dos grupos de pessoas que costumam apoiar a mulher em algumas das tarefas (esposo, filhos, filhas, avós, etc.). Para indicar que um destes grupos apóia certa atividade, marcam-se com cruces ou pontos. Um ponto significa que ajuda um pouco e vários pontos significam que ajuda muito.

Uma vez completa a matriz, podem ser anotados, eventualmente, os horários das atividades.

Matriz de Uso do Tempo			
Atividades da Mulher	Receba ajuda de:		
	Marido	Os Meninos	As Meninas
Preparar o café da manhã			
Lavar a roupa			
Fazer compra	●		
Preparar o almoço			●
Cuidar das crianças			● ●
Fazer o café e o lanche			●
Cuidar dos animais		● ● ●	
Limpar e varrer			●
Passar roupa			
Dar banho nas crianças			
Preparar a janta			
Lavar as louças			●
Costurar			

Legenda:

Ajuda muito: ● ● ●

Ajuda pouco: ●

Mais ou menos: ● ●

Faço sozinha:

Figura 29 - Matriz do Uso do Tempo

Distribuição de Tarefas entre Mulher e Homem

Tema: a descrição de atividades das mulheres e dos homens de um grupo social específico ajuda a colocar em evidência a sua distribuição, torna visível o trabalho que desempenha cada membro do lar e permite compreender a dinâmica das relações de gênero, o apoio mútuo, os esforços de uns e outros, o intercâmbio e também os conflitos.

Objetivo: ressaltar as diferenças de cargas de trabalho dos homens e das mulheres e criar uma consciência sobre os diferentes papéis designados para ambos.

Tempo: 2 horas.

Materiais: 2 folhas intituladas "distribuição de tarefas entre mulheres e homens" para os

grupos, tarjetas, pincéis de diferentes cores.

Como é feito: formar dois grupos, um de mulheres e um de homens, que preenchem o quadro, por separado, para discutir depois, de forma conjunta, as semelhanças e diferenças entre eles. Explicar o objetivo do exercício.

Materiais: 2 pedaços grandes de papel, tarjetas, pincéis, giz de cera.

Matriz de Distribuição das Tarefas entre Mulheres e Homens

Tarefas	Mulheres				Homens			
	Atividade		Uso do Tempo		Atividade		Uso do Tempo	
Trabalho Produtivo	Adulta	Meninas	Adulta	Meninas	Adulto	Meninos	Adulto	Meninos
*Agricultura								
Plantação			+	-			+	-
Colheita			+	-			+	-
*Criação de gado								
Bezerro ou terneiro				-			+	
Gado								
*Outras atividades produtivas								
Administração do dinheiro							+	
Compras de insumos							+	
Emprego			+				+	
*Tarefas domésticas			+	-				
Pegar lenha			+				+	-
Pegar água			-	+				+
Cuidar das crianças			+	-				-
*Atividades sociais/culturais								
Trabalho comunitário			+	-			+	-
Atividades educativas			-	+			-	
Projetos de desenvolvimento			-				+	
Cerimônias			+	-			+	-
*Atividades na hora de folga								
Visitas			+	+			-	+
Lazer			-	+			+	+
Festas			-	+			+	+

Legenda:

Participa da Atividade:
 Não participa da Atividade:

Emprega muito tempo na atividade: +
 Emprega pouco tempo: -

Figura 30: Matriz de Distribuição das Tarefas entre Mulheres e Homens

Matriz de Tomada de Decisões

Tema: esta matriz mostra quem decide sobre como satisfazer as necessidades familiares em relação a seu contexto interno e externo.

Objetivo: demonstrar como estão envolvidos mulheres e homens na tomada de decisões nos diferentes âmbitos da vida familiar.

Tempo: meia hora.

Materiais: pedaço grande de papel, tarjetas, pincéis.

Como é feito: formar um grupo misto. Pedir ao grupo que eleja dois homens e duas mulheres para participar.

Pergunte:

"Quem toma as decisões em relação a gastos da casa, à educação dos filhos, entre outros gastos?". Cada participante recebe 5 pontos por título e os distribui entre o homem e a mulher, de acordo com o quanto eles/as pensam que participam da tomada de decisão. Refletir os resultados com todos os participantes ao final.

Matriz de Tomada de Decisão

Decisões	Quem decide?	
	Homem	Mulher
Compra de objetos (estufa, móveis, televisor...)	X	X
Comprar propriedades	X	X
Comprar e vender animais	X	X
Os estudos dos meninos e meninas	X	X
Tarefas domésticas		X
Participar dos grupos	X	X
Participar da igreja		X
Comprar a roupa e os sapatos		X
Tarefas domésticas	X	X
Participar dos grupos	X	X
Participar da igreja	X	X
Comprar a roupa e os sapatos	X	

Figura 31: Matriz de Tomada de Decisão

Matriz de Controle e Acesso

Tema: identifica os recursos dos quais dispõem as pessoas para realizar as suas atividades e os benefícios que são derivados deles. Ao se distinguir entre acesso aos recursos e benefícios e o controle sobre eles, é possível medir o poder relativo dos membros de uma sociedade ou economia.

Objetivo: visualizar a gestão dos recursos e benefícios de maneira diferenciada entre mulheres e homens dentro da casa e ou comunidade.

Tempo: uma hora.

Materiais: pedaço grande de papel, tarjetas, pincéis.

Como é feito: formar um grupo de homens e mulheres. Explicar o exercício e o significado de acesso e controle.

Acesso significa ter a oportunidade de utilizar os recursos e benefícios, sem ter a autoridade para decidir sobre eles.

Controle significa ter autoridade completa para decidir sobre o uso (disponibilizar, vender) e o resultado dos recursos e benefícios.

Igualmente lhes é perguntado: Quais podem ser os fatores que obstruem aquele acesso e controle? Primeiro se preenche completamente a coluna de "controle", depois a de "acesso" e, finalmente, a de "obstáculos".

Matriz de Tomada de Decisão

Quem tem?					
	Controle		Acesso		Obstáculos
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	
Terra própria	X		X		O homem
Terra arrendada			X		Dono da terra
Água		X		X	-
Floresta	X	X	X		-
Receitas (renda)	X		X		O homem
Produção agrícola	X		X		O homem
Educação		X		X	
Filhos	X	X		X	A mulher
Trabalhos	X		X		O homem
Participação comunitária	X			X	
Oficinas do projeto de desenvolvimento	X	X	X		O homem
Festas	X	X		X	

Figura 32: Matriz de Controle e Acesso

Mapa de Movimentos

Tema: o gráfico mostra os movimentos diários dos comunitários dentro e fora da comunidade.

Objetivo: é um gráfico que enfoca para onde se deslocam os comunitários cotidianamente fora de suas casas e propriedades. Além disso permite uma análise diferenciada de papéis e responsabilidades por gênero.

Tempo: 1-2 horas.

Materiais: pedaço grande de papel, tarjetas, pincéis, giz de cera.

Como é feito: dividir o grupo entre homens e mulheres.

Explicar os objetivos e a finalidade da apresentação gráfica. Desenhar um círculo no centro que representa a casa e a propriedade. Desenhar ao redor da casa/propriedade os lugares para aonde se deslocam a maioria dos comunitários. Perguntar para onde saem freqüentemente, por exemplo: mercado, escola, hospital, mercearia, etc. Devem ser ilustrados os elementos conforme a sua distância da casa. Também se anota o objetivo dos movimentos e viagens. Pedir às participantes para colocar setas de casa nos diferentes destinos, pondo muitas setas onde há deslocamentos freqüentes.

Anotar o número de viagens na média da semana. Discutir os resultados. Que diferenças entre as responsabilidades da mulher e do homem são vistas nestes mapas?

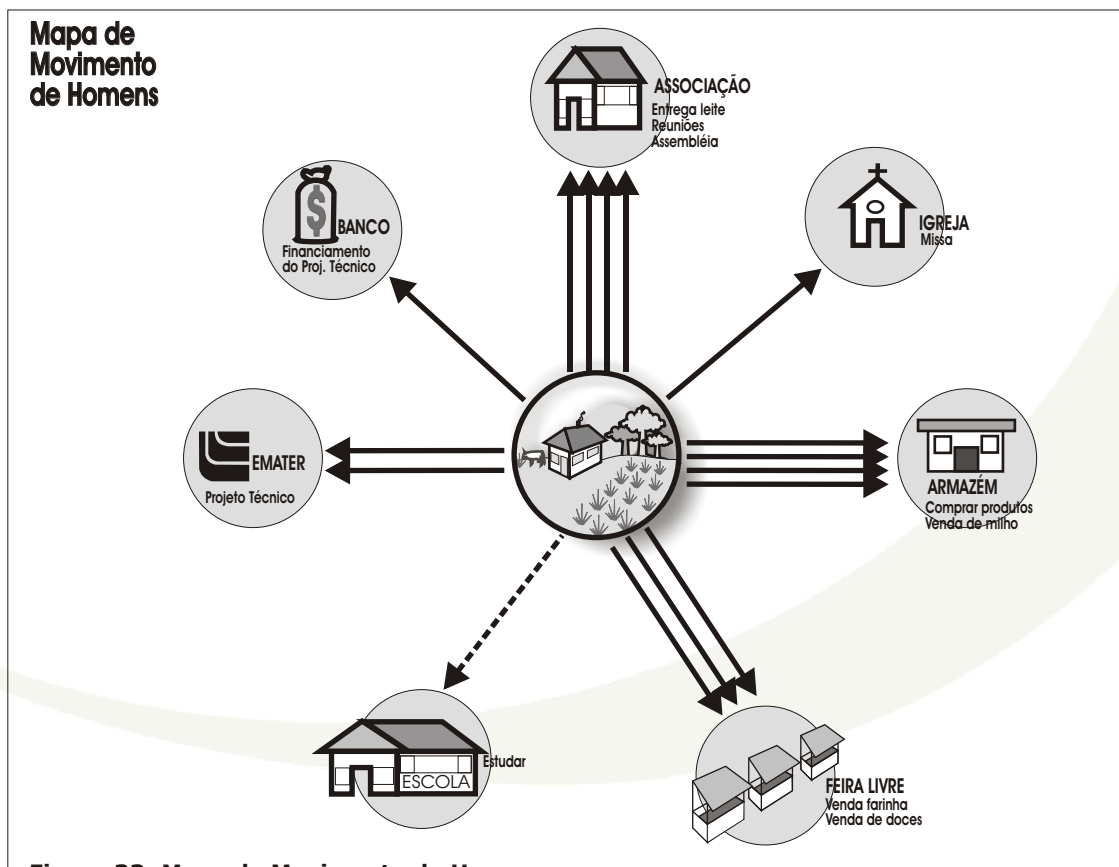


Figura 33: Mapa de Movimento de Homens

Mapa de Movimento das Mulheres

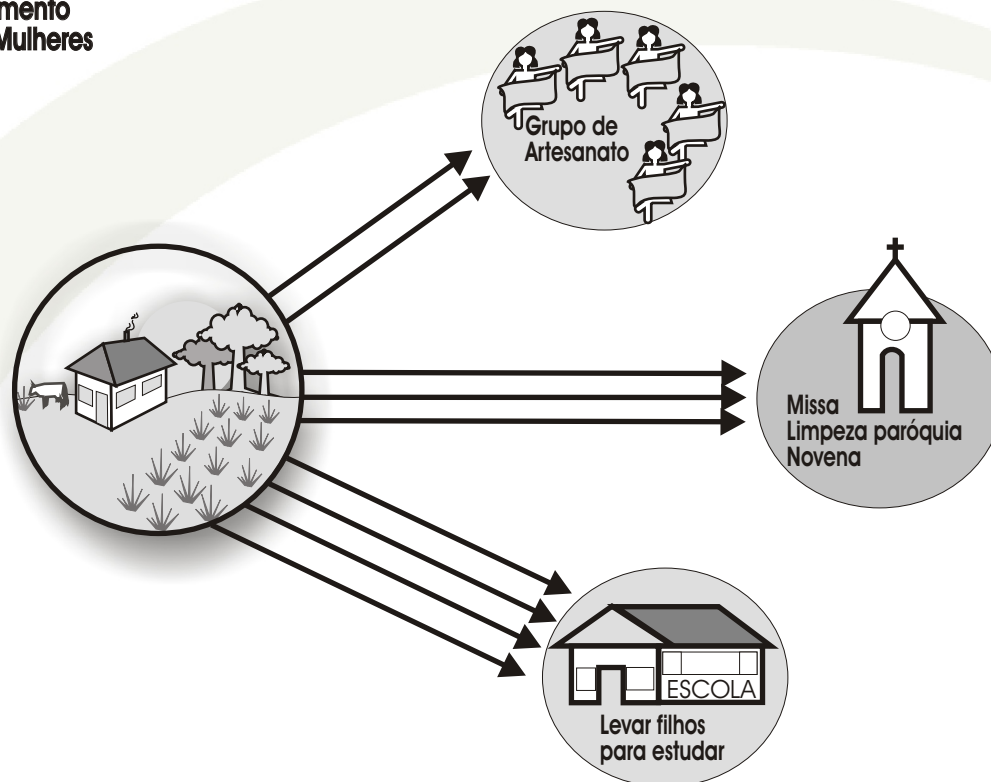


Figura 33: Mapa de Movimento das mulheres

6.9 Outras ferramentas

Além dos instrumentos "típicos" do DRP apresentados anteriormente, existem as ferramentas "tradicionais", como os questionários, a análise de dados secundários, as fotos aéreas e de satélite. Estes também podem ser válidos em certos casos. Porém, antes de utilizá-los, sempre devemos nos perguntar se a quantidade de informação que estes vão gerar realmente é necessária e se temos a capacidade de analisá-los adequadamente.

Além disso é possível "inventar" ferramentas novas. A criatividade não tem limites sempre e quando são cumpridos certos critérios e respondidas algumas perguntas-chave na elaboração de uma nova ferramenta:

- Qual é a informação adicional que gera esta ferramenta?
- Qual é a vantagem frente a outras ferramentas para compreender este tema?
- Cumpre com os critérios de fácil entendimento e desenvolvimento?
- Permite analisar a informação colhida facilmente?

Uma vez elaborada uma ferramenta, é imprescindível ensaiá-la antes de utilizá-la na comunidade. Sempre há imprevistos, detalhes que não foram considerados de antemão, que podem prejudicar o bom desenvolvimento.

Além disso, o respeito às pessoas com as quais vamos fazer o DRP não nos permite utilizá-los como "cobaias".

Às vezes, não é necessário elaborar uma ferramenta nova para compreender aspectos adicionais no diagnóstico. Frequentemente é suficiente fazer algumas adaptações. Podem ser integrados aspectos não considerados ou fundir duas ferramentas.

É possível também fundir ferramentas. Um exemplo é o mapa da comunidade que reúne o mapa social e de recursos naturais. Outras ferramentas podem ser fundidas igualmente, sempre que a sua aplicação continue sendo fácil e os resultados não muito complexos.

Podem-se ainda criar, adaptar e fundir ferramentas, considerando os diferentes públicos, por exemplo: quilombolas, indígenas e pescadores artesanais.

Exemplo de uma ferramenta criada para trabalhar o ciclo de vida dos peixes com comunidades de pescadores artesanais

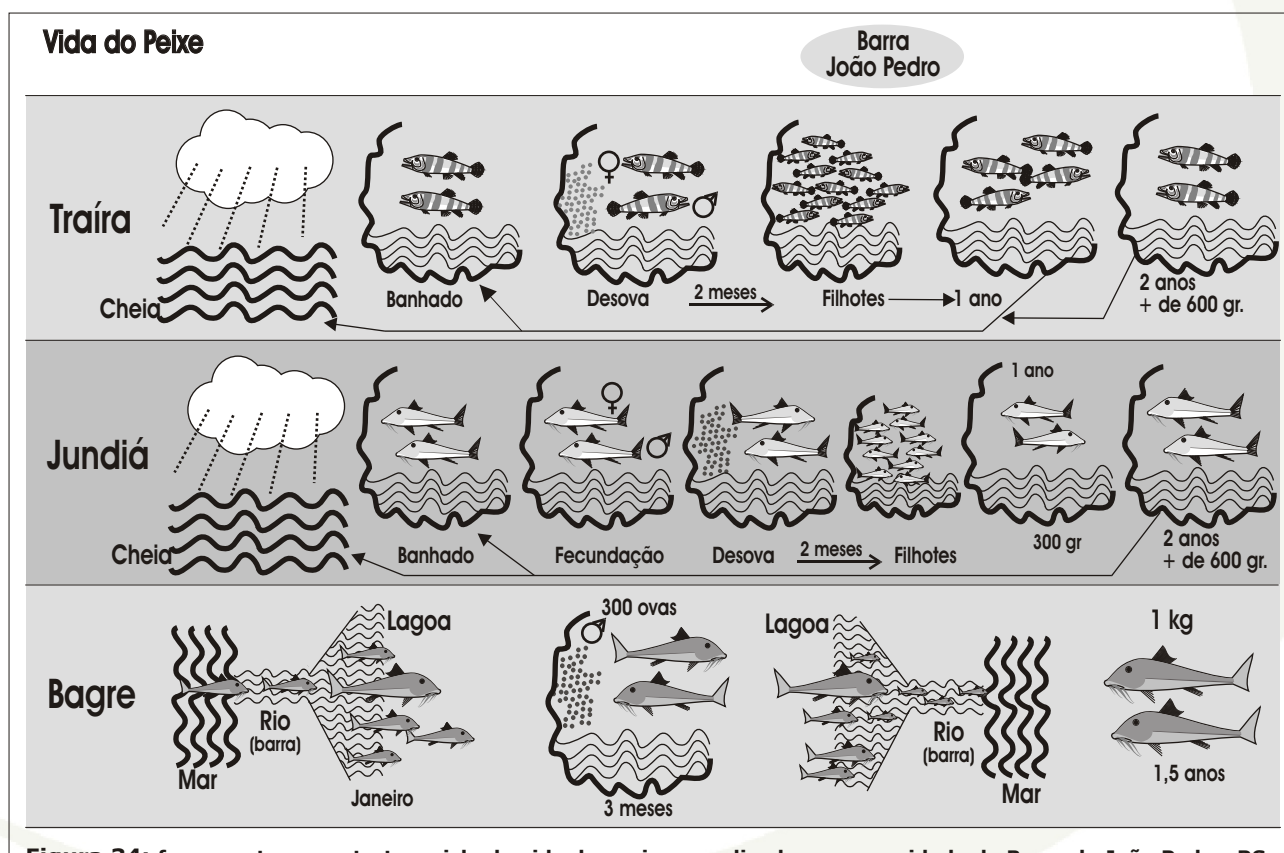


Figura 34: ferramenta que retrata o ciclo de vida dos peixes, realizado na comunidade de Barra do João Pedro, RS

Análise, Documentação e Apresentação

7. Análise, Documentação e Apresentação

7.1. Análise Final

É o momento mais difícil do DRP. O que fazemos com todos os conhecimentos gerados durante o diagnóstico? Não se trata de elaborar uma simples documentação, mas, sim, de fazer uma interpretação que permita melhorar o conhecimento da situação atual da comunidade e de suas opções para o futuro.

7.2. Qualitativo versus Quantitativo

O processamento quantitativo dos dados, como "30% das mulheres se dedicarem à agricultura não comercial" ou "20% da população se propor a migrar para a cidade", corresponde aos requisitos de objetividade da ciência tradicional, mas, em geral, não ajudam a entender melhor a realidade. A interpretação da informação obtida deve ser qualitativa, explicando o porquê de situações e comportamentos.

O que significa grande parte das mulheres se dedicar à agricultura não tradicional? Por que tanta gente quer migrar para a cidade? Qual é a razão pela qual não são cultivadas plantas comerciais? Fazer-nos estas perguntas significa interpretar os dados obtidos.

Atenção! Os dados quantitativos também podem ser úteis: saber, por exemplo, quantas pessoas não têm acesso à água potável e a porcentagem que representam da comunidade podem ser dados importantes. Trata-se de encontrar o equilíbrio entre os dados qualitativos e quantitativos e de selecionar os que realmente são necessários.

7.3. Documentação

A documentação começa com o desenho do DRP e o acompanha durante todo o processo até a apresentação final.

É importante documentar toda a informação obtida instantaneamente, já que são esquecidos facilmente os elementos ou a memória distorce a informação ao longo do tempo. Além disso, não teremos à disposição os materiais (mapas, modelos, matrizes, etc.) elaborados pelos/as agricultores/as, já que estes são seus e permanecem na comunidade.

Finalmente, é importante saber desde o início para quem se faz a documentação e, se for necessário, fazer diferentes tipos de documentos ou relatórios. O texto final para a instituição solicitante do DRP terá outro formato, outro tipo de apresentação e conteúdo diferente do texto do documento para os agricultores/as. Ajuda a fazer uma breve análise dos/as leitores/as antes de começar e de estabelecer alguns aspectos, como o volume aproximado, a data limite de entrega e o formato.

7.4. Apresentação

Os resultados do DRP deverão ser revisados com todas as pessoas da comunidade que participaram para identificar informações que faltam, verificá-las e avaliar a eficiência das ferramentas utilizadas.

Já que os homens e as mulheres da comunidade conhecem melhor a sua realidade, podem criticar e discutir as interpretações dos pesquisadores. Por exemplo, valorizar as considerações de gênero e as soluções que foram escolhidas para determinados problemas.

Pode valer a pena fazer outras apresentações, tanto para outras instituições que trabalham na mesma área, como para agências estatais e outros atores que possam intervir na implementação das atividades.

A apresentação é o final do diagnóstico, que se completa com a socialização e revisão de todos os resultados pela comunidade. Ao mesmo tempo é o começo da parte mais importante no processo de autogestão da comunidade, da verdadeira ação: a execução das atividades necessárias para alcançar os objetivos determinados no DRP.

Finalizar o DRP é Começar

8. Finalizar o DRP é Começar

Uma vez feitas as apresentações na comunidade, as instituições parceiras e outras organizações e ter sido entregue os documentos finais, o trabalho acabou. Já acabou? É claro que não. Agora começa a fase mais crucial para a comunidade, o trabalho para se chegar às mudanças desejadas e implementar as soluções dos problemas identificados no DRP.

Muito dependerá do objetivo institucional que tinha o DRP. Tratava-se de uma organização que trabalhava na área e queria revisar o seu enfoque de trabalho ou de uma organização que contratou a equipe DRP para a formulação de um projeto novo? Foi a Emater que encarregou o DRP de extrapolar os resultados em nível regional e modificar o seu enfoque de extensão? Enfim, existem muitas possibilidades, mas não se vai aprofundar nas implicações que teria para cada nível institucional.

Mas independentemente de para quem foi feito o DRP em nível institucional, deve servir principalmente para as comunidades. Se se tentou extrair unicamente informação, por mais participativo que tenha sido, não foi mais do que uma pesquisa científica, sem repercussão nem melhorias para a comunidade.

Por isso o DRP não termina com a apresentação final dos resultados, mas, sim, com a elaboração de um plano de ação comunitário com as atividades necessárias para se chegar às mudanças desejadas. Para tanto pode-se recorrer a elementos de um planejamento participativo, no qual a equipe de DRP apóia a elaboração e que deverá ser monitorado na sua implementação pelo Agente de Ater que acompanha a comunidade. Como todas as ferramentas do DRP, este plano de ação é feito pela comunidade; a equipe DRP o facilita e lhe dá apoio metodológico.

A seguir há um exemplo de um plano de ação. Normalmente, ao terminar o DRP, serão feitos vários planos de ação, um para cada solução acordada para um determinado problema. Adicionalmente se pode fazer uma matriz geral que reúna todos os planos individuais.

O Plano de Ação Comunitária

AÇÃO: Instalação de uma rede de água potável

ATIVIDADES	RESPONSÁVEIS	DATA (meses)							
		M	A	M	J	J	A	S	O
Contatar técnicos da secretaria de infraestrutura para medir o fluxo da fonte	Prefeitura (João) e Josefina	X							
Levantar os preços dos materiais	Carlos		X						
Organizar reunião para os primeiros trabalhos	Carlos e Josefina Emater (Paulo)			X					
Primeiros trabalhos para a tubulação	José e Maria			X					
Pesquisar possibilidade de subsídios	A Prefeitura (João)	X	X	X					
Organizar transporte para materiais	Pedro			X	X				
Construir as tomadas principais	Prefeitura, todos.				X	X			
Construção das conexões nas casas	Técnico da secretaria de infraestrutura José, todos. (Paulo)					X	X		
Instalação de torneiras e caixas- d'água.	Pedro e Maria, todos.						X	X	
Festa de inauguração	José e Manoel								X

Figura 36: Plano de Ação Comunitário

Alguns Conselhos Finais

9. Alguns Conselhos Finais

O DRP é um processo de aprendizagem da comunidade juntamente com os Agentes de Ater. Acreditar que a população possa fazer tudo sozinha é igual a acreditar que o desenvolvimento somente acontece com apoio externo ou, simplesmente, com a transferência de tecnologias.

Trata-se da análise conjunta da realidade, dos potenciais da comunidade e das possibilidades de aumentar a capacidade de autogestão e planejamento.

O DRP não acaba com a entrega do relatório ou com a apresentação final, na medida em que é um processo contínuo de análise, (re)planejamento e tomada de decisões.

Com frequência os resultados de um DRP não correspondem às idéias ou aos planos que tinham as organizações que o propuseram. O que fazer? Aceite-o! É sua a decisão. Impor uma estratégia ou medida sem o apoio dos/as agricultores/as certamente não iniciará um processo sustentável.

Um diagnóstico verdadeiramente participativo supõe arriscar-se, mas vale a pena!

Literatura Recomendada e Bibliografia

10. Literatura Recomendada e Bibliografia

Literatura recomendada

Geilfus, Frans: **"80 ferramentas para o desenvolvimento participativo"**, IICA/Holanda, San Salvador, El Salvador, 1997. Contam uma ampla coleção de ferramentas bem ilustradas e organizadas por assuntos. Além das ferramentas "típicas" do DRP, abrange outras para o planejamento, a monitoração e a avaliação.

Grundmann, Gesa e Stahl, Joachim: **"Como o sal na sopa, conceitos, métodos e técnicas para profissionalizar o trabalho nas organizações de desenvolvimento"**, Edições Abya-Yala, Quito Equador, 2002. Esta publicação abrange toda uma série de assuntos úteis para as organizações e profissionais que trabalham na cooperação para o desenvolvimento. Entre temas, como: realização e organização de capacitações e assessorias, desenho e gestão de projetos e questões organizacionais, também inclui um capítulo sobre "Diagnósticos participativos". Este capítulo resume de maneira compreensível e bem ilustrada os conceitos básicos e as principais ferramentas de um diagnóstico participativo.

Pretty, Jules; Thompson, Jones; Guijt, Irene e Scoones, Ian: **"Aprendizagem e Ação Participativa, Guia para Capacitadores"**, IIED, Santa Cruz, Bolívia, 1998. Uma das publicações mais atualizadas e completas sobre métodos participativos, direcionada a todas as pessoas que querem apoiar os processos de aprendizagem e capacitação participativa. Além de ferramentas participativas, contém dinâmicas de grupos e os princípios da aprendizagem participativa.

Salas, Maruja e Tillmann, Tim: **"Nosso Congresso. Manual de Diagnóstico Rural Participativo para a Extensão Camponesa"**, PRODAF/GTZ, Santiago de Puriscal Costa Rica, 1994. Este manual se baseia na experiência de uma oficina sobre DRP realizada na Costa Rica em 1993. Dá uma ampla visão dos princípios da extensão camponesa, do desenvolvimento sustentável e dos conceitos básicos do DRP. No manual são apresentadas, de maneira sistemática e ilustradas, as principais ferramentas do DRP.

Sites na Internet

FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação)

www.fao.org

A página web da FAO está disponível em Espanhol e tem sua própria máquina de busca. Pela quantidade de documentos e pelo sistema de classificação é um pouco incômodo procurar alguns assuntos, mas vale a pena, já que dispõe de muita informação valiosa. Entre os diversos documentos ao respeito se recomendam particularmente os seguintes:

"O diagnóstico rural participativo para a análise de gênero". Esta página apresenta os objetivos do DRP e os aspectos principais que devem ser levados em consideração na sua realização. Neste site são explicadas as ferramentas principais do DRP e como usá-las. Conclui com as limitações principais em sua aplicação.

www.fao.org/docrep/003/x0246s/x0246s05.htm

"Análise de gênero e desenvolvimento florestal: manual de capacitação e aplicação". Este manual está baseado na experiência do Programa de Capacitação em Análise de Gênero e Florestas da FAO na Ásia e do Plano de Ação Florestal para a Guatemala e inclui materiais para apoiar diversas atividades de capacitação em Análise de Gênero e Desenvolvimento Florestal. Descreve o processo do diagnóstico e a aplicação das ferramentas de forma ágil e bem ilustrada.

www.fao.org/docrep/003/x0246s/x0246s05.htm

PRGA Programa

www.prgaprogram.org

A página do Programa www.prgaprogram.org está em inglês, mas contém todas as ferramentas ilustradas do livro apresentado acima de Frans Geilfus. Encontra-se no endereço:

www.prgaprogram.org/tool_ref_80.htm

- Sites em inglês

IIED (International Institute for Environment and Development)

www.iied.org

Esta instituição britânica foi uma plataforma de intercâmbio e inovação no campo de métodos participativos. Além de sua página web com muitas informações e documentos, publica a revista PLA Notes Participatory Learning and Action, cobrindo assuntos da aprendizagem participativa, ferramentas úteis e volumes especiais sobre diferentes aspectos de métodos

MYRADA

www.myrada.org

Esta ONG da Índia foi uma das pioneiras no desenvolvimento do DRP. Na sua página web se encontram descrições das ferramentas "típicas" do DRP, documentos sobre os últimos acontecimentos e inovações.

Lista de Figuras

- 01 - Grupo de agricultores durante oficina de DRP
- 02 - Escada da participação
- 03 - Diferentes níveis de participação
- 04 - Triangulação
- 05 - Entrevista semi-estrutura com agricultores e pescadores artesanais
- 06 - Mapa de recursos naturais
- 07 - Mapa social
- 08 - Mapa da comunidade
- 09 - Mapa da propriedade
- 10 - Mapa de fluxo econômico
- 11 - Mapa de migração
- 12 - Travessia
- 13 - Calendário agrícola
- 14 - Calendário de atividades
- 15 - Calendário sazonal
- 16 - Calendário histórico
- 17 - Calendário histórico
- 18 - Árvore de problemas
- 19 - Diagrama de Venn
- 20 - Fluxo de comercialização
- 21 - Fluxo de produção
- 22 - Matriz de comercialização
- 23 - Matriz de camadas sociais
- 24 - FOFA
- 25 - Matriz de priorização de problemas
- 26 - Matriz de hierarquização de problemas por pares
- 27 - Matriz de cenários de alternativas
- 28 - Rotina diária de mulheres e homens
- 29 - Matriz de uso do tempo
- 30 - Matriz de distribuição das tarefas entre homens e mulheres
- 31 - Matriz de tomada de decisão
- 32 - Matriz de controle e acesso
- 33 - Mapa de movimento dos homens
- 34 - Mapa de movimentos das mulheres
- 35 - Ciclo biológico dos peixes
- 36 - Plano de ação comunitária

Lista de Siglas

DRP	Diagnóstico Rural Participativo
ASCAR	Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural
EMATER - RS	Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural
EMATER - MG	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais
GTZ	Agência de Cooperação Técnica Alemã
ABC	Agência Brasileira de Cooperação
PNATER	Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural
DATER	Departamento de Assistência Técnica e Extensão Rural
SAF	Secretaria da Agricultura Familiar

SAF - Secretaria da Agricultura Familiar
Setor Bancário Norte - Quadra 01 - Bloco D - 6.º Andar
Ed. Palácio do Desenvolvimento - Brasília DF
www.mda.gov.br/saf